CONTOS II

Organização

Deusa Silva
Jan Santos

JOVEM ESCRITOR

Contos II

Organização
Deusa Silva
Jan Santos

JOVEM ESCRITOR
Contos II

Fundação Matias Machline
Biblioteca Kuk Sang Song
Manaus-Am - 2025

© Copyright Biblioteca Kuk Sang Song, 2025

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada ou reproduzida, por quaisquer meios, sem o prévio consentimento do autor.

Revisão
Jan Santos

Projeto Gráfico
Lícia Belém Fernandes Gonçalves

Design da capa
Italo de Barros Gonçalves

Diagramação
Italo de Barros Gonçalves

Ficha Catalográfica
Fundação Matias Machline
Biblioteca Kuk Sang Song
Beatriz Guerreiro – CRB11/1231

S586j Silva, Deusa (org.)
Jovem Escritor: contos II / Organizadores Deusa Silva, Jan Santos. – Manaus: FMM, 2025.
126p.; il. color.; 21cm

1. Poemas amazonenses. 2. Crônicas amazonenses. 3. Literatura amazonense. I. Título. II. Santos, Jan.

CDU: 821.134.3(811.3)-1+9

“não importa o quanto você vá devagar desde que não pare”

Confúcio

Dedico

a todos os envolvidos no resgate do projeto Jovem Escritor e aos alunos pela concretização na edição do livro.

Agradecemos

a Deus
as nossas famílias
à Fundação Matias Machline
ao Sung Un Song
ao prof. Jandir Santos

Prefácio

No Ensino Médio, tive um professor de Física que dizia “tudo começa pequeno”. E, como era Ensino Médio, na terceira vez que ele disse aquilo, obviamente, não conseguimos levar a sério, e o riso corria solto. Nem sei mais por que ríamos, mas até ele se deixava levar pelo bom humor da turma.

Os grandes feitos científicos partem de pequenas observações; pinturas a óleo nascem de pequenas pinceladas; as boas notas vêm do estudo diário em pequenas porções; amizades começam com uma pequena aproximação.

E de pequenas frases, também nascem os escritores. É uma história solta na última página de um caderno, é um arquivo de texto perdido que nunca foi lido por mais ninguém, é uma história alternativa sobre uma obra desconhecida.

Começamos assim, mas a escrita não nos deixa quando não estamos escrevendo. Vai crescendo até sair de nós. O texto vai ganhando vida, floresce, dobra, estica, se espatifa no chão, se refaz. De repente, o texto é algo novo, incrível e arisco.

O texto é um bicho que precisa ser domado; o texto é uma rosa selvagem que deve ser zelada.

E só quem sabe dizer o que o texto é para si é quem escreve e escreve de novo, outra vez, mais.

O conto pode ser o primeiro capítulo dessa longa epopeia que é amar as letras tanto que brincamos sem parar de colocá-las em ordem pra ver onde vai dar. E

nesta obra não faltam pessoas que amam palavras, tanto que se dedicaram bravamente a organizá-las em contos delicados, dramáticos e curiosos.

Espero que, nessa aventura, você leia, consuma, desfrute, devore o trabalho de cada um. Que possa ler as histórias, e também os sentimentos que evocam, os sentimentos de quem escreve. Que você se deixe levar, ficar, pensar.

Quem sabe depois de receber tanta inspiração, você também se deixe levar pela euforia de escrever.

Afinal, tudo começa pequeno, até o sonho de escrever.

Boa leitura!

Emme Menezes

Engenheira da Computação - UNB, egressa do curso de Eletrônica FMM, autora do livro Anelice.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 17
Bedisa, a maldita 21
O jardim de Hades 27
Adrenalina 35
Os girassóis 43
Senhor cabeça de vento 45
Onde florecem os que lembram 47
Largada às traças 52
Túmulos de Terra – *Laborum Meta* 54
Verdades 61
Onde dormem os nomes perdidos 64
O que te levou de mim 69
Sozinho 73
Boa noite, Davi 81
Saudade 85
Os presentes do papai 89
A terceira chance não vem da mente, e sim do coração 93
A fada do ralo 95
O estranho aluno da Fundação Matias Machline 99
O reflexo do monstro 105
Entre sonhos e castelos 109
Não confie em estranhos 113
Amor não se implora, mas eu implorei 119

APRESENTAÇÃO

Ao falar sobre o teatro grego da Antiguidade, Aristóteles descreve um fenômeno estranho e poderoso, cuja função é nos fazer experimentar na Arte sentimentos extremos, tão perigosos que, se não encontrarem uma válvula de escape segura, podem ser destrutivos.

Esse fenômeno é a catarse, cuja função seria fazer com que espectadores, leitores e qualquer outra pessoa que tenha contato com alguma forma de Arte possa externalizar esses sentimentos perigosos ao assistir peças, ouvir canções e ler livros. Aristóteles enxerga na Arte uma estratégia válida para darmos conta da vida, sem que nossos excessos sejam materializados de forma ameaçadora.

Em um mundo onde a ansiedade deixa de ser exceção e passa a integrar o dia a dia de cada um de nós, sejamos jovens ou mais velhos, um medo que sinto enquanto educador é que nossos estudantes, tão atarefados quanto qualquer acadêmico, não saibam lidar com o estresse vindo desses excessos. Lidar com o comportamento ansioso e com as frustrações da rotina já é um desafio para o adulto mais esforçado, então como mostrar a jovens tão dedicados que essas frustrações podem encontrar um espaço seguro na Arte, como disse Aristóteles?

Assim, orgulhosamente apresento mais uma coleção de contos do projeto Jovem Escritor, que busca mostrar aos alunos que a vida vai muito além das dificuldades da rotina, e que mesmo essas podem ser transformadas pela magia da Literatura. Aqui, o leitor encontrará histórias densas que

revelam a luta diária de nossos estudantes ao lidarem não apenas com os próprios sentimentos por meio da ficção, mas também com os nós com que os dias insistem em nos amarrar.

Não é uma jornada fácil, mas vale cada vírgula.

Jan Santos
Escritor, professor e um dos coordenadores do projeto Jovem Escritor

JOVEM
ESCRITOR

Bedisa, a maldita

Any Caroline Raiol - 1EMBB

Minha amiga era alta e de poucas palavras. Ela era o tipo de pessoa que parecia sempre saber mais do que dizia, sabe? Tinha a pele dourada do sol e um olhar firme. Os cabelos castanhos, cheios de cachos bem formados, quase sempre estavam presos em uma longa trança desleixada que ela mesma fazia. Era raro vê-la com os fios soltos.

Bedisa sempre usava a mesma jaqueta de couro marrom, já desbotada nos cotovelos, com uma mancha escura na manga direita que ela dizia ser vinho. Era sua armadura silenciosa. Mas o que mais marcava nela não era a roupa, nem a trança. Era o jeito como ela olhava o mundo. Como se tudo fosse uma charada que ela já tinha começado a decifrar antes da gente sequer notar.

Quando Bedisa recebeu o convite para participar de uma escavação no Egito, eu fui a primeira a vibrar por ela. Bedisa era arqueóloga e tinha um certa obsessão pelas tumbas do Egito. As primeiras mortes que aconteceram, eu acompanhei de longe, pelas atualizações que ela me mandava. Técnicos, escavadores, até um dos pesquisadores-chefes. Todos mortos em menos de duas semanas. Bedisa tentava manter o tom racional, mas eu sentia que alguma coisa a corroía por dentro.

Quando Bedisa me mandou mensagem dizendo que viria me visitar em Belém, eu não hesitei. Ela disse que precisava de um tempo para esfriar a cabeça. Fora isso, nenhum detalhe. Nenhuma explicação.

“Vou pegar o voo amanhã à noite”, escreveu. No dia seguinte, lá estava ela, na porta do meu apartamento, com uma pequena mochila amarelada nas costas. Imóvel. Silenciosa. O vento batia nos cachos rebeldes que escapavam de sua trança e seu rosto parecia abatido com um olhar que eu não reconhecia.

Era minha melhor amiga, mas havia algo nela que parecia… errado. Durante os dez dias em que ficou comigo, tentei fingir normalidade. Preparei café, perguntei sobre a escavação, sobre as notícias daquelas mortes estranhas, dos boatos de que haviam encontrado algo que “não deveria ter sido violado”. Mas Bedisa não falava sobre isso, ou melhor, falava só até certo ponto. Depois, se calava.

Ela estava estranha. Quieta demais, mas não era o silêncio habitual dela. Era um silêncio… tenso. Dormia durante o dia e à noite andava pela casa. Às vezes, eu acordava com passos agitados e portas se abrindo. As noites tinham se tornado um tormento e as madrugadas dançavam em ventos de inquietude.

Passados alguns dias, ela começou a falar de algumas coisas que viu. Disse que, na escavação, encontraram um longo corredor, talhado em pedras que cintilavam sob a luz trêmula das tochas. Nas paredes, haviam inscrições que cobriam toda superfície, hieróglifos gastos pelo tempo, que ninguém soube traduzir. Disse que ouviu ruídos vindo de dentro das paredes e lembro de ela me dizer da sensação de ser observada, como se olhos a vigiassem. Mesmo depois, tinha a sensação de que algo a seguia em silêncio.

Ela também me falou de sonhos em que descia escadas sem fim dentro de uma tumba escura. Mas havia mais,

eu sentia. Havia coisas que ela não estava me contando. No décimo dia, ela simplesmente... foi embora, mas acabou esquecendo a pequena mochila amarelada no canto da sala. Cuidadosamente, tomei a mochila em minhas mãos e procurei por algo que me desse uma pista do que estava acontecendo, mas tudo que encontrei foi apenas plásticos de bombom e um batom velho.

Joguei a mochila de lado e, frustrada, dei um suspiro profundo e desanimado. Me deixei cair no sofá, deixando o silêncio preencher o ambiente. Enquanto passava a mão pelos cabelos, notei algo no chão, perto dos meus pés. Era um pequeno pedaço de papel meio amassado, parecia ter sido deixado às pressas ou talvez tenha caído ali apenas por um descuido. Curiosa, me estiquei para pegá-lo e agarrei-o com a ponta dos dedos. Desdobrei o papel com cuidado e reconheci de imediato a caligrafia apressada de Bedisa:

"A tumba não guardava um corpo. Guarda uma maldição. E agora, sou uma das malditas que a carrega".

Assim que li aquelas palavras, um arrepio percorreu minha espinha. O que ela estava tentando me dizer? O que acontecera naquela escavação que a deixou tão atormentada? Bedisa nunca acreditou em superstições, e agora ela estava dizendo que carregava uma maldição? Eu não sabia o que fazer com aquilo. Não sabia o que aquilo significava.

No início, pensei que fosse apenas o medo tomando conta dela, talvez uma reação ao ambiente tenso da escavação. Mas o olhar vazio e distante dela na última vez que nos vimos, a forma como ela evitava falar sobre os acontecimentos, tudo aquilo estava começando a fazer sentido.

Ela estava fugindo de algo que não podia ser visto, mas que a estava destruindo.

Nos dias seguintes, a ausência de Bedisa se tornou ainda mais inquietante. Ela não me ligou e não respondeu nenhuma das minhas mensagens. Isso não era normal. Bedisa, mesmo quando precisava de tempo para si mesma, nunca desaparecia assim. Comecei a sentir uma pontada de medo. O bilhete que ela me deixou parecia um grito silencioso. Eu sabia que algo muito sério estava acontecendo, mas não sabia o que fazer.

Então, numa manhã, uma ligação me despertou. Era o hospital. O atendente me disse que haviam encontrado Bedisa na rua, desorientada, delirando, em estado de completa confusão. Fui ao hospital o mais rápido que pude. Quando cheguei, encontrei Bedisa em uma cama, com os olhos fundos e arregalados, fixos no vazio, seu corpo magro se tremia e ela mal conseguia se comunicar. Quando tentou falar, suas palavras saíam distorcidas e havia medo em sua voz.

Passei horas ali tentando entendê-la, mas suas palavras pareciam se perder antes de chegarem aos lábios. Não demorou muito para que os médicos dissessem que sua situação era irreversível. O corpo de Bedisa estava cedendo lentamente.

Nos dias seguintes, ela piorou ainda mais, até que, numa tarde, ela se foi. A explicação médica dizia que seu falecimento ocorreu devido à falência múltipla de órgãos, mas eu sabia que aquilo não era a verdade. Havia algo mais.

O que aconteceu com Bedisa não era apenas físico, eu sabia que a maldição da qual ela tinha falado a havia

consumido, que algo daquela tumba a havia seguido até o fim, destruindo-a aos poucos até consumi-la por completo.

No velório, o silêncio se fechava sobre mim como uma cortina escura, pesada e densa. Eu sabia o que havia acontecido, e o peso do segredo me consumia. No canto do bilhete que Bedisa me deu havia um nome: Néftis. O que Bedisa tentara me dizer antes de partir, o que ela não conseguiu contar, me perseguia.

Ela queria respostas, agora guardava eternamente o segredo.

O jardim de Hades

Manuela de Oliveira Leão - 1EMCA

Os cabelos longos e pretos de Hades balançavam suavemente naquela tarde morna. O céu brilhava, a natureza se encontrava em perfeita harmonia — tudo estava sereno no dia do seu aniversário. Hades completava dezoito anos. Para os deuses, idade não era medida, mas aquele dia carregava um peso simbólico: o reconhecimento do filho mais velho de Cronos como divino.

Apesar de ser temido pelos mortais como uma sombra entre os deuses, Hades sempre teve uma alma pura. Zeus, Poseidon e até os mais orgulhosos olímpicos reconheciam sua nobreza silenciosa.

— Hades! Aqui! — gritou Zeus. — Você sabe o que tem que fazer, né? Sempre descobre tudo antes da hora.

Hades já sabia da surpresa. Tinha escutado seu avô, Urano, cochichando pelos corredores. Sorriu ao reconhecer o cheiro do seu bolo favorito: morango com calda quente.

— Surpresa! — gritaram todos em uníssono.

— Tivemos um belo trabalho, hein? Espero que goste, meu filho — disse Cronos, colocando a mão sobre o ombro de Hades.

Naquele instante, tudo parecia perfeito. Mas seria a última vez que estariam juntos daquela forma.

— Vamos jogar cartas um pouco — chamou Zeus, animado. — É um baralho novo, parece ser legal.

Jogaram até tarde. Depois, cansados, se recolheram. Hades deitou ao lado do irmão mais novo, Poseidon, em

um colchão improvisado. A chuva começou a cair, abafando os sons da noite. Mesmo assim, ele ainda conseguia ouvir algo além: passos apressados, ruídos de luta, sussurros cortando a madrugada.

Levantou-se de um salto e correu até o salão externo.

A cena diante de seus olhos marcaria sua vida para sempre.

Sua mãe, Nythea, caída no chão, com o corpo perfurado pela espada de Cronos.

Nythea era uma deusa esquecida pelas histórias. Tinha cabelos longos, escuros como a noite, e fora amada por Cronos nos primeiros dias da criação. Em seu nome, ele moldara um mundo inteiro — um lugar belo, florido, onde a vida brotava com intensidade. Um presente de amor. Mas, quando o sentimento se perdeu e Cronos se voltou para Reia, aquele mundo definhou. O que antes florescia, morreu. O que era luz, virou sombra. Assim nasceu o submundo — não como punição, mas como lembrança de um amor que virou luto.

— CURE ELA! VOCÊ A MACHUCOU! — gritou Hades, ajoelhado, segurando o corpo da mãe ensanguentado.

— Hades... ela tentou me matar... — murmurou Cronos, surpreso com a dor nos olhos do filho.

— E DAI? ELA É MINHA MÃE! — a voz de Hades ecoou mais forte. — Se você não sabe ser um mínimo deus da cura, então me dê o poder que você desperdiça! Dê-me o Sol!

Cronos empalideceu. Sabia o que aquele desejo significava. O Sol não era só luz — era criação, ordem, tempo. E no fundo, ele sabia que Hades tinha poder para alcançá-lo.

Com medo de ver o mundo cair em trevas pela mágoa do próprio filho, tomou uma decisão cruel: desterrou Hades para o submundo. Condenou-o a viver onde nenhum sonho nascia.

Aquele mundo morto, que antes fora o lar de Nythea, agora se tornava prisão de seu filho.

Hades não se comportava como alguém mau. Só queria sua mãe de volta. Os momentos que passou com ela eram lindos. Ele via o mesmo amor que Reia tinha por Poseidon e Zeus.

Aos poucos, aquele subsolo ganhava forma de casa. Vestia roupas pretas, com longas luvas como a mãe usava. Aprendeu a usar seus poderes, que chegaram junto dos dezoito anos. Carregava no peito o ódio do assassinato que o pai cometeu. Desejava reencontrá-lo, tomar-lhe o Sol, fazer com que tudo voltasse a ser como era. Mas Cronos havia lançado sobre si uma maldição: tornara se invisível aos olhos do filho, o que tornava tudo ainda mais difícil.

O subsolo podia até parecer um lar, mas Hades se sentia só.

Em busca de uma Musa para sua companhia, decidiu que partiria à Grécia. Lá havia uma tradição comum: leiloar musas de outras civilizações. A Grécia havia vencido recentemente uma guerra contra Roma.

Mal pôs os pés por lá e ouviu gritos - homens sedentos por mulheres.

Avistou logo o palco: mulheres romanas, expostas. Umas seriam escravas, outras guerreiras, outras se casariam apenas para gerar herdeiros.

Mas Hades não precisou de muito tempo para fazer sua escolha.

Lá estava ela. Cabelos castanhos, vestido branco manchado de sangue. O olhar assustado parecia pedir socorro. Era como se tivesse visto sua família morrer. Era meio verdade.

De repente, a moça começou a chorar. Soluçava. Com medo de cair nas mãos de um homem cruel, ameaçou se matar ali mesmo.

Hades não se conformou. Como uma mulher tão bela tiraria a própria vida por medo? Seria ela a destinada?

Deu um passo à frente. A multidão silenciou ao sentir sua presença. O olhar tenebroso, a aura pesada, os cabelos longos dançando ao vento seco — Hades falou, com tom grave:

— Esta é minha. A romana que carrega em seu vestido manchas de sangue.

A plateia ficou perplexa. Quem era aquele homem para reivindicar a mais bela do palco? Foi então que, com um gesto, Hades abriu um portal do subsolo atrás da musa. Em um salto que desafiava a gravidade, voou até o palco, pegou a moça pela cintura e entrou no portal.

A musa estava apavorada. As correntes que a prendiam foram quebradas por ele. Caiu num mundo escuro, com árvores cinzentas. Mas um cheiro forte de morango tomava o ar. Era a alma de Hades, que ainda vivia.

Sem ameaças, ela se deitou para descansar. O cansaço pesava nos olhos. Adormeceu.

Quando acordou, viu Hades diante de si, sentado num trono feito de madeira e folhas. Ao redor, almas de

pessoas que um dia perderam seus amores — guerreiros fiéis a Hades.

Sua voz soou novamente, grave como antes:

— Como se chama?

A musa olhou com medo. A voz saiu tremida:

— Perséfone. Me chamo Perséfone.

Hades se levantou, andou até ela. Com um gesto suave, fez o sangue desaparecer do vestido.

— E qual é o seu nome? Por que estou aqui? — perguntou ela, ainda assustada.

— Eu lhe salvei da morte gelada que teria nas mãos daqueles gregos — disse Hades, a voz agora mais baixa. — Eles podem parecer belos, mas não se engane.

Perséfone sabia disso. Em qualquer civilização, seu destino seria o mesmo: morte nas mãos dos homens.

— E com você seria diferente? — ela encarou. — Você acabou de me prender em um lugar que eu nem sei onde é. E ainda acredita que eu irei gostar de você ou algo do tipo?

Apesar do tom firme na voz da mulher, ela parecia aliviada por não ter caído em mãos cruéis. O homem à sua frente tinha olhos tristes, quase chorando. O cabelo, que batia no ombro, cobria parte de seu rosto.

— Não fiz isso por mal, Perséfone. Minha solidão nesse mundo vazio dói. A presença do nada me consome a cada dia. Fui à Grécia em busca de uma musa... não para guerrear ou escravizar, mas para dividir companhia. E não é mentira que me apaixonei pela sua beleza quando te vi. Talvez fosse a musa mais linda de todas. Mas também encontrei coragem em você, e soube que ficaria ao meu lado.

Os olhos antes marejados agora se tornavam uma tempestade.

Hades soluçou. Ao vê-lo, Perséfone fez o mesmo.

Sentia medo, dúvida e tristeza, tudo junto. Era estranho ver alguém tão emotivo em tão pouco tempo, e mesmo confusa… abraçou-o sem explicação.

Caíram juntos no chão.

Os dias, semanas, meses passaram.

E Perséfone continuava presa aos olhos cor de granada.

Compartilhavam os dias cinzentos, se aproximando mais a cada manhã.

Hades sentia com ela um amor que só havia sentido na presença da mãe, Nythea. Sem perceber, o subsolo — que antes representava luto — começou a florescer de novo. Quando parou para admirar, o jardim estava vivo. Como se sua mãe tivesse voltado.

Mas Cronos soube da primavera no subsolo.

Temendo a volta do filho, mandou Apolo, filho de Zeus, pra trazer Hades de volta ao luto.

Apolo desceu disfarçado.

Mas Hades sentiu sua presença antes de qualquer ataque.

Reuniu seu exército e esperou.

Quando Apolo chegou, os deuses guerrearam.

Ou era Hades vingando a dor de anos?

Ou Cronos tentando manter tudo como sempre foi?

Perséfone assistia a luta.

E sentia que tudo o que ela tinha plantado estava prestes a morrer… como na primeira vez em que viu o subsolo.

A espada de Apolo, quente e ardente, atravessou o coração de Hades.

Perséfone agora era Hades.

Hades era Nythea.

E Apolo era Cronos.

A cena de quando era criança… se repetia. E agora era sua vez de dizer adeus.

Mas o subsolo não morreu.

As folhas, os frutos, o cheiro de morango… ainda estavam lá.

Apolo saiu de lá sacudindo a espada manchada de sangue com um olhar frio, decepcionado com o tio que nunca chegou a conhecer.

Perséfone correu desesperada até Hades.

Tocou no sangue dele, que queimava como o sol.

E ficou ali, com a cabeça sobre o peito dele, chorando por horas.

Quando se levantou, viu o corpo dele virar pedra.

Um monumento.

Um símbolo para todos que perderam o amor, a esperança, a fé.

O subsolo se tornou eternamente intacto.

Lindo. Firme.

Como o mundo que ela e Hades recriaram.

Porque mesmo quando se perde o que se ama… o que foi vivido nunca pode ser destruído pela tristeza.

E por séculos, Perséfone ainda espera a volta de Hades.

Assim como Hades, um dia, esperou a volta da mãe.

Adrenalina

A.L. Soares Alves - 1EMAA

Carmen, em um dia nevado foi visitar um conhecido da faculdade. Seria sua primeira e última visita naquele lugar.

— Boa tarde, migo! — disse, parecendo serena.

— Quente hoje, né?

— Oi, Carmen! — diz seu colega, parecendo animado.

— Com certeza! — ele parece ter gostado da piada.

— Sinta-se em casa, pera, o que é is- Antes que pudesse completar, Carmen o amordaçou e puxou seu canivete.

— Foi bom te conhecer, eu acho.

Acontece que ela nem sequer sabia o nome ou o rosto de seu conhecido, era completamente indiferente em relação a ele. Afinal, quem se importa com alguém que não sabe nem o nome? Agora ela estava simplesmente procurando a chave de seu conhecido, queria chegar cedo em casa. Por que ela faz isso? Vai saber. É algum tipo de transtorno? Capaz.

Carmen não se importa com quem mata, apenas faz isso para ser procurada. Na cabeça dela, a adrenalina de ser perseguida pela polícia era maravilhosa. Por algum motivo fazia sentido tomar esse tipo de ação, por mais estranho e mórbido que possa parecer, ela nem sequer se importa com isso.

— Como foi lá com seu amigo, filha? Ele era legal? — pergunta a mãe quando ela chegou em casa.

— Foi legalzinho, o ruim foi que ele teve que sair, tinha que resolver uns BO e teve que ir embora.

— Poxa, o importante é que deu pra se divertir.

— Verdade, enfim, vou fazer umas tarefas. Até depois, mãe!

— Você não vai nem jantar? Eu tinha feito aquele frango guisado que você ama!

— Tenho muita coisa pra fazer, mãe. Mais tarde eu como.

— Tá bom, filha...

Sua mãe estava muito incomodada. Carmen nunca falava direito com ela, nem sequer a olhava nos olhos. Ela se sentia muito distante da filha, mesmo que tentasse tanto ser próxima.

Na semana seguinte, em uma manhã calma, a polícia bateu na porta de Carmen. Sua mãe, coitada, não sabia sequer se a filha já havia acordado, era cedo demais até para ela.

— Bom dia, senhora. Viemos a mando da Polícia Militar para investigar Carmen, moça jovem de cabelo e olhos castanho-claros, costuma usar moletom vermelho também.

— Bom dia, senhor. Deve ser um engano, essa é minha filha, mas ela não fez nada de errado – disse a mãe ingênua.

— Senhora, sua filha foi acusada de uma série de homicídios de pessoas da faculdade onde estuda, por ter sempre sido vista próximo à casa das vítimas pouco antes do corpo ser encontrado.

— Minha filha? Acusada de uma série de homicídios? Que horror! Vamos ao quarto dela, eu provo que é um engano.

Ao entrar no quarto, algo que ninguém esperava: uma carta.

Eu cometi todos os crimes que estão me acusando, agora para me acharem vocês terão que procurar bem, muito bem...

— Não pode ser! — A mãe começa a chorar, afinal, como a filha perfeita que Carmen era poderia ter cometido crimes tão horríveis? — Polícia, ela não tá bem. Por favor, ajudem minha filha, ela não merece a prisão, ela realmente é uma pessoa boa, eu... acho...

— Eu entendo, senhora: um filho que parece perfeito do nada ser procurado pela polícia? Deve ser terrível, vamos achar ela, e a primeira coisa que faremos é enviar para um psicólogo.

— Muito obrigada, vocês não sabem o quanto ela importa pra mim.

Em aproximadamente uma semana e meia, Carmen foi encontrada na casa de uma vítima. De alguma forma, ela sabia quando os policiais haviam revistado, então não muito tempo depois, entrou no lugar. Quando a polícia a encontrou, Carmen parecia esperar por eles, havia deixado tudo preparado para tentar atacá-los. Porém, o que Carmen não esperava era que eles estavam dois passos à frente, já que além de quem iria entrar na casa, havia um policial na porta para caso Carmen fugisse, que foi quem capturou a criminosa.

Carmen seria presa, porém em seu julgamento, ela tentou atear fogo no local. Por conta disso, recebeu pena de morte, tanto por seus atos terríveis quanto pelo que quase cometeu em seu tribunal. Antes do dia de sua execução, ela passou por três sessões no psicólogo, e perceberam que seu problema era algo bem mais grave do que o esperado.

— Bom dia, Carmen — diz sua psicóloga. — Vamos tentar entender seus atos.

— Bom dia, moça — diz Carmen, como se fosse apenas mais uma tarde de segunda-feira comum.

— Carmen, me diga: quando foi que você começou a fazer esse tipo de coisa?

— Faz tempo. Claro, não é como se fosse algo desde a infância, mas creio que fazem uns cinco aninhos aí.

— Você comete esses atos desde os dezessete anos?

— Sim.

Naquele momento, Carmen sente um frio na espinha, pois atrás de sua psicóloga vê uma pessoa familiar: sua primeira vítima, uma jovem moça de cabelos loiros, porém ela estava da forma como Carmen a deixou, sem olhos.

— AHH!!

— O que foi, Carmen?

— Atrás de... — a figura some na visão de Carmen.

— CADÊ?

— Se acalma, o que que você viu?

— Aquela mulher, a primeira que eu matei.

— Carmen, vai tomar uma água, você não tá bem.

— Tá bom.

Depois disso, a sessão foi se desenrolando, e no final Carmen voltou para casa, sua psicóloga anotou o ocorrido e contou à mãe da jovem.

— Foi isso que aconteceu hoje.

— Jesus! Mas Carmen está bem?

— Acredito que sim, mas era importante a senhora ficar sabendo.

– Entendo, muito obrigada por contar. Boa noite.

— Por nada. Boa noite para a senhora também.

Na noite anterior à sua segunda sessão, Carmen acordou de madrugada para beber água, e viu alguém na janela, dessa vez outra vítima, mas ela também tinha um rosto visível. Da mesma forma que a outra, estava da forma como havia sido morta, dessa vez, sem os braços. Ao se virar para tentar voltar para o quarto, Carmen vê uma pessoa, sua prima de segundo grau, com roupas de banho e parecia encharcada. Carmen disse que ela tinha se afogado, o que não contou foi que ela quem causou esse afogamento.

— Oi, tia Carmen... Tudo bem com você? Faz tempo que eu não te vejo, vamos brincar na piscina?

Antes que Carmen sequer pensasse em responder, a sala começa a se encher de água, e a pessoa que ela viu na janela, agora estava do lado de sua prima, e diz:

— Tudo bem, Carmen? Eu tava precisando de ajuda pra pegar aquele negócio lá no alto.

Carmen, com medo, tenta correr, mas se vê puxada pelos braços arrancados de sua vítima. Até que ela acorda suando frio, já é manhã agora, essa noite foi terrível.

Em sua segunda sessão, Carmen conta o ocorrido, e sua psicóloga diz:

— Carmen, você já tinha ido a algum psicólogo antes?

— Nunca.

— Você já havia visto diferença em algum rosto antes?

— Não.

— Bom saber... Você já sentiu culpa antes?

— Como assim?

— Você nunca sentiu culpa de ser uma assassina assim antes, Carmen?

Antes de responder, Carmen vê sua mãe ao seu lado.

— Filha, você sente remorso por ter matado eles? Pois deveria, deveria sofrer pra sempre por ser uma pessoa não horrível.

— Você deveria perceber, Carmen, que você é uma ratazana imunda, algo que nem merecia estar vivo – diz a psicóloga, se levantando da cadeira.

Até que Carmen se vê presa a sua cadeira, e sua mãe pega uma faca e ela dá o primeiro golp-

— CARMEN, ACORDA!!

— O quê?

— Você do nada parecia ter entrado em transe, era como se não estivesse aqui, estava chorando e se debatendo. A qualquer momento você iria começar a gritar.

— Como assim?

— Vamos ter que adiantar sua sessão de sexta para amanhã.

Após isso, Carmen descreveu o que viu e saiu do consultório. Sua psicóloga liga para a sua mãe e comenta o ocorrido:

— A situação parece grave – diz a mãe de Carmen, preocupada.

— Eu sei, ela parece estar desenvolvendo alguma espécie de esquizofrenia ou psicose, é difícil dizer ainda, só sabemos que ela está alucinando.

— Que Deus ajude minha filha, eu sei que ela vai morrer, porém passar por isso logo antes, deve ser terrível.

— Com certeza. A última sessão dela é amanhã, no dia seguinte já darei um diagnóstico, provavelmente não vai ser tão certeiro, não tinha como fazermos mais sessões,

mas vai poder resolver uma ou outra questão sobre a situação dela. Enfim, boa noite, senhora.

— Boa noite.

Na noite daquele dia, a mãe de Carmen olha um álbum de fotos de sua filha, e começa a chorar.

— Onde eu errei com você, minha Carmenzinha, desde a morte do seu pai, eu tentei cuidar tão bem de você. Eu sei que eu não sou a melhor mãe do mundo, mas o que aconteceu para você ficar assim?

Ela chorou aquela noite inteira até dormir. Nessa mesma noite, Carmen não conseguia dormir, estava atenta para caso algo acontecesse, ah, e uma cabeça falava com ela: seu colega de faculdade do qual tinha tirado a vida semana passada.

— Carmen, por que você faz essas coisas?

— Adrenalina.

— Adrenalina?

— Eu queria ser procurada, me fazia bem.

— E você não sente nenhum tipo de culpa? Remorso nem nada?

— Na verdade não. Eu sempre me senti muito apática com vítimas, eu nem sequer sabia diferenciar o rosto de ninguém. Para mim, todos eram apenas mais um, mais uma pessoa inútil pra esse mundo.

— Você já pensou se você também não era só mais uma?

Naquela hora, Carmen percebeu o que em 22 anos ela nunca havia percebido: ela não era ninguém. Era apenas mais uma. Ao perceber isso, Carmen tem uma decisão, a maior decisão de sua vida.

No dia seguinte, Carmen não compareceu à consulta, sua mãe também não havia lhe visto em lugar nenhum, e a porta de seu quarto permaneceu trancada o dia inteiro, até que sua mãe chamou a polícia.

— Qual o quarto dela?

— Aquele alí.

— Carmen! Abra a porta agora! É da polícia!

Nenhuma resposta

— CARMEN! Não me obrigue a arrombar essa porta.

Sem ter escolha, o policial arromba a porta, e todos vêem uma coisa terrível. Sua mãe, que chegou depois, tem uma visão que nenhuma mãe desejaria ter: sua filha parecia ter adiantado a própria sentença.

Será que... a adrenalina valeu a pena?

Os girassóis

Alana Beatrice, 1EMBC

Ela estava apressada como sempre, caminhava e a cada passo só acelerava. Esses dias estava mais ocupada que o comum, fazendo muitos plantões. Ao chegar em casa, estava exausta quando o telefone tocou.

Era sua mãe, com quem há tanto tempo não falava. Ela atendeu. Sua mãe, feliz ao telefone, parecia não querer sair daquela chamada nunca mais. Laura, cansada, cortou logo o assunto e se despediu.

Sempre foi uma pessoa reservada, principalmente quando se tratava de suas emoções Ninguém ao seu redor percebia que há muito tempo ela não tinha mais consciência de vida, pois tudo o que havia conquistado, se dedicado a anos de estudos, tudo já não fazia mais nenhum sentido em sua vida.

Laura sempre correu atrás de seus objetivos, mas o tempo a fez esquecer o motivo pelo qual corria. Naquele dia, estava mais uma vez no escuro do quarto para dormir, mas o sono não a visitou naquela noite. Em claro, ela se lembrou de sua infância:

— "Mãe, quando eu crescer quero ser médica".

— "Você vai, meu amor!" — respondeu a mãe.

Laura, naquele momento com lágrimas nos olhos que acompanhavam suas lembranças, logo se tornou um pedido de socorro em silêncio. Ao amanhecer, ela acordou como todos os dias, seguiu sua rotina e tomou seu café de todas as manhãs, preto e sem açúcar, vestiu-se e partiu para mais um dia de trabalho.

Em sua sala, recebeu uma ligação da irmã. Olhando para a tela do celular, colocou-o no bolso e voltou ao trabalho. Ela não atendeu por um bom motivo: depois de muito se prender e ocupar seu tempo se dedicando ao que não lhe dava mais gosto, ela decidiu que, ao sair do trabalho, não pegaria plantão algum naquele dia, pois iria passar o final da tarde até a noite com a sua família.

Em seu coração, ela sabia o que realmente a fazia ser completa, o que fazia sentido de verdade para ela.

Assim, ao sair do trabalho, foi até uma floricultura para comprar lindos girassóis, um buquê grande e resplandecente. Ao chegar, tocou a campainha, quem abriu foi sua irmã, mas diferente do que ela esperava, sua irmã estava com o rosto avermelhado, lágrimas caíam de seus olhos.

Ela não disse nada, apenas abraçou Laura. Enquanto isso, Laura ficou sem reação, apenas queria entender o que estava se passando. Não demorou muito e logo sua irmã começou a se lamentar aos prantos de que a mãe havia sofrido um mal súbito pela manhã e queria apenas ouvir pela última vez a voz da filha, a quem ela sentia tanta falta.

Laura desmoronou naquele instante, os girassóis caíram no chão.

Assim também se desfazia o brilho do sol naquela lamentável tarde.

Senhor cabeça de vento

Amanda Gama Andrade - 1EMBB

Um senhor, de identidade anônima, tem algo de singular em comparação aos outros que viviam no mesmo local: sua parte superior, acima do pescoço, possui formatos sem sentidos, como rabiscos.

— Mamãe, o que há de errado com ele? — perguntou uma criança que passeava pelo parque e avistou o senhor Gatafunhos sentado, lendo suas revistas.

— Filho, por favor fique quieto - disse a mãe da criança curiosa, que estava aflita pelo filho fazendo essas perguntas.

Esse menino xereta deixou a mãe ainda mais nervosa quando foi diretamente questionar o senhor Gatafunhos:

— Senhor, o que aconteceu com você?

— Por que diz isso? Tem alguma coisa em meu rosto?

— Me perdoe senhor! — interrompeu a mãe, puxando o garoto enquanto escondia os olhos para evitar contato visual com o moço.

O senhor Gatafunhos ficou desorientado com essas perguntas, nunca reparou o quanto as pessoas olhavam para ele com forma de desgosto ou com temor. Voltou para casa ainda com esses pensamentos rondando em sua cabeça abstrata.

— Que estranho — pensou o indivíduo olhando no espelho de seu banheiro. — Aquela criança estava certa, tem algo realmente de exótico comigo...

De rosto triste, veio o desejo de soluçar, porém algo nele o impedia, queria parecer forte consigo mesmo.

Foi incapaz, começou a chorar de forma desesperada.

Esses pensamentos acabaram afetando seu sono. O senhor se levantou no meio da madrugada, quando o céu ainda estava totalmente escuro. Havia somente o som do vento frio que batia nas palmeiras à beira das calçadas de qualquer casa do bairro em que morava.

Senhor Gatafunhos foi ao banheiro novamente. Ao invés de levantar na madrugada para fazer suas necessidades, como sempre fazia, ele acabou vomitando, desorientado por levantar rápido e logo voltou para sua cama. Tentou dormir, mesmo sabendo que não ia ter sucesso.

Era outro dia. O senhor estava se olhando no espelho e continuou perguntando o porquê de ser tão diferente das outras pessoas que estavam no mesmo bairro, mesmo lugar, mesmo mundo que ele. Todos eram da mesma espécie, por que somente ele seria diferente?

A crise de raiva que resultou disso o fez estilhaçar o próprio reflexo, e tudo o que conseguiu olhar foi sua mão com uma visão um pouco turva.

Pegou um desses cacos de vidros que estavam pelo chão e teve ideias um tanto quanto perturbadoras.

O senhor Gatafunhos não tinha pensado duas vezes, infelizmente. Gelado e jogado no chão, seu coração não palpita, assombrado por aqueles pensamentos.

Foi somente um comentário que causou essa atitude toda. Será que isso tudo valeu a pena?

Onde florecem os que lembram

Ana Clara Sousa - 1EMBD

O vento estava carregado com um cheiro de fumaça e o gosto de metal, com o aroma desagradável da destruição pairando sobre a cidade em ruínas. As cores vibrantes dos prédios foram substituídas pelo cinza dos escombros, e os únicos toques de cor vinham do vermelho sinistro das chamas que ainda lambiam os restos do que antes era uma metrópole próspera.

Os gritos dos moribundos e os lamentos dos enlutados se misturavam aos sons distantes de explosões e bater de espadas, uma sinfonia de sofrimento que ecoava pelas ruas vazias. O vento levava a destruição, carregando consigo os fantasmas do passado e a promessa de um futuro incerto. Diante de tudo isso, ainda havia esperança. Pelo menos era o que achavam.

Myra segurava com força a mão do garotinho cujo nome jamais saberia enquanto andavam por aquelas ruas destruídas. Quando o encontrou, ele estava soterrado por pedras, seus lábios rachados e manchados de sangue seco, seu olhar era vazio e a língua já não estava mais ali, um ato cruel feito por um dos guerreiros do Profeta. Myra não hesitou, foi ajudar tirando as pedras de cima e lhe dando um pouco de água. Ele a olhou como se ela fosse a única coisa boa restante naquele mundo corrupto. Desde então, não se largaram, formando uma aliança.

A fumaça subia em colunas pelo céu escuro, misturada ao cheiro de carne queimada e pedras estilhaçadas. Nod-krai, um burgo cheio de riquezas, de uma economia prós-

pera, agora era uma cidade morta. Nos degraus do antigo Senado, o Profeta das Cinzas erguia os braços para a multidão. Seus olhos brilhavam com a fúria de quem acreditava ser o escolhido por Deus para moldar um novo mundo.

— Impuros! Todos os que habitam Nod-krai são impuros! — sua voz ressoava, carregada de fervor. — Se sangue não lavará esta terra, como flores inocentes desabrocharão novamente?

A multidão rugiu em resposta. Entre os destroços, Myra apertava a mão pequena e trêmula do menino ao seu lado. Ele não passava de uma criança, os olhos arregalados, o rosto coberto de fuligem. Ele não entendia. Como poderia?

Ela também não entendia. Mas tudo isso não estava certo.

As casas queimadas, os corpos espalhados, os gritos que continuavam sem fim... era essa a purificação que prometiam? Como um mundo melhor poderia nascer do horror?

Ela respirou fundo e puxou o garoto, tentando levá-lo para longe da praça, mas não eram os únicos a se esconder. Alguém os viu. Uma voz gritou.

— Ali! Mais dois! Impuros!!

Os soldados do Profeta vieram como lobos. Myra correu, sabia que era a presa deles, mas as pedras quebradas sob seus pés fizeram-na tropeçar. Ela se virou a tempo de ver o menino ser arrancado de seus braços. Ele gritava e chorava por Myra, mas suas mãos não tinham força para resistir.

— Não! Ele é só uma criança! Por favor, não o machuquem! — Myra se ergueu, lutou, chutou, arranhou. Não adiantou.

Arrastaram-na até os degraus em que o Profeta aguardava. Seus olhos eram como carvão queimado, frios e inclementes.

— Você viveu em Nod-krai. Você sujou esta terra com sua existência. Diga-me, menina: por que mereceria viver?

Myra olhou ao redor. A multidão assistia, esperando sua resposta. Alguns tinham ódio no olhar. Outros, apenas medo. Mas ninguém falava. Ninguém tentava impedir...

Ela ergueu o queixo, firme, mesmo com a lâmina fria roçando sua pele.

— Eu nunca precisei matar pra imaginar um novo mundo. E o que você queima… ainda pode florescer. *E vai.*

O Profeta inclinou a cabeça, os olhos semicerrados como se ponderasse as próximas palavras.

Ela podia mentir. Podia implorar. Mas de que adiantaria? Eles já tinham decidido seu destino.

Olhando para o menino, agora ajoelhado entre os soldados, Myra fez a única coisa que podia.

Ela sorriu.

Um sorriso pequeno, quase imperceptível, mas verdadeiro. Porque mesmo naquele fim cruel, ela queria que o garoto soubesse que havia algo além da dor.

Então, com a voz baixa, carregada de desprezo, o profeta respondeu:

— Que flores cresçam, então. Mas serão regadas com o seu sangue.

A lâmina desceu. O corte veio, silencioso como o fim. O sangue havia selado o ritual.

O mundo seguiu em frente, indiferente ao sangue que regava as ruínas.

E no meio da cidade morta, uma única flor silvestre brotou entre as pedras.

O tempo passou, como passa sempre, mesmo quando ninguém está mais lá para contá-lo.

As ruínas de Nod-Krai viraram poeira. O nome do Profeta se perdeu nas areias que enterram os tiranos. E os gritos? Esses o vento levou, como leva tudo. Mas algo ficou.

Anos depois, Nod-Krai foi esquecida pelos mapas, enterrada sob a poeira e o vazio. Quando a guerra virou lenda e a dor foi coberta por silêncio, uma nova geração pisou aquele solo com passos tímidos. Eram nômades, sobreviventes de outros mundos arruinados, guiados por histórias sussurradas nas noites frias. Diziam que havia um lugar onde flores cresciam entre as pedras.

Entre as ruínas, uma flor ainda nascia, ano após ano.

Um homem voltou ali onde Myra havia sido morta. Caminhava devagar, com passos firmes, o rosto marcado por cicatrizes antigas. Seus olhos eram fundos, escuros, carregados de memórias. Ele não falava — não podia. A língua lhe fora tirada na infância, mas isso nunca o impediu de ser ouvido.

Ao lado dele, uma criança pequena — sua filha — segurava sua mão com força.

Ele ajoelhou-se diante da flor solitária. Tocou o chão ao redor. Respirou fundo.

A menina se aproximou.

— Que lugar é esse, papai? — perguntou, com inocência.

O homem não respondeu com palavras. Apenas retirou do manto algumas sementes. Cavou com as mãos. Plantou-as.

A menina observava em silêncio. Depois o imitou.

Ali, entre as pedras e a morte, eles começaram a plantar.

Não igrejas. Não estátuas. Não muros.

Flores. Comida. Abrigo.

Logo outros vieram. Nômades. Exilados. Gente ferida, mas viva. E todos se reuniram ao redor daquele homem mudo que, mesmo sem voz, ensinava com gestos o que era esperança.

Ninguém sabia seu nome. Mas ele sempre carregava consigo um pequeno broche de ferro, manchado pelo tempo. Gravado nele, em letras quase apagadas, lia-se: *Myra*.

E assim, onde uma mulher sorriu diante da morte, um homem sem voz fez nascer a vida.

O novo povo chamou aquele lugar de Auril — que em uma língua esquecida, queria dizer: "*Onde florescem os que lembram*".

Largada às traças

Aylla Caroline Sena - 1EMAD

Nina sabia que sentimentos reprimidos e álcool não eram a melhor combinação. Mesmo assim, aceitou o convite para o casamento da irmã com um sorriso falso nos lábios e um turbilhão no peito.

O avião pousou em sua cidade natal como se abrisse um baú que ela jurava ter enterrado para sempre.

O salão estava iluminado com castiçais altos e flores brancas. A noiva, radiante, parecia saída de um conto de fadas. Nina a observava de longe, com um copo de espumante na mão, tentando ignorar o peso que crescia em seu estômago.

Durante o jantar, os olhares se cruzaram: Lucas. Alto, moreno, e exatamente como ela lembrava - com aquele jeito despretensioso de quem não fazia ideia do estrago que causava.

Ele era agora o noivo da irmã.

Nina sentiu o chão ceder sob seus pés. Anos atrás, ela e Lucas viveram um amor proibido, escondido sob a sombra da amizade entre famílias. Quando ele terminou tudo abruptamente, dizendo que precisava de algo mais "estável", Nina se afundou no silêncio.

Nunca contou a ninguém. Nem à irmã.

Na pista de dança, o álcool já fazia seu papel. Ela ria alto, tentando abafar as lágrimas que a ameaçavam. Um convidado se aproximou e tentou dançar com ela. Nina apenas balançou a cabeça e saiu tropeçando até o jardim.

Lucas a seguiu.

— Você está bem? — perguntou, com a mesma voz suave de anos atrás.

Ela encarou aquele rosto familiar e, pela primeira vez, não segurou as palavras.

— Como você teve coragem? — disse. — Me deixar como se eu não fosse nada... e agora, casar com ela?

Lucas abaixou o olhar.

— Eu achei que fosse o melhor pra todos. Você nunca disse nada - respondeu ele.

— Eu era jovem, não sabia me defender. E você fugiu.

Ele não respondeu. Apenas ficou ali, parado, encarando o vazio entre eles. Então, Nina virou as costas e voltou para o salão, com os olhos secos e o peito em brasa.

Nos dias seguintes, não atendeu ligações, não respondeu mensagens. Pediu transferência no trabalho e não voltou mais àquela cidade que trazia lembranças tão dolorosas. Decidiu que sua vida não seria mais guiada por amores mal resolvidos.

Meses depois, em um novo apartamento e com um novo corte de cabelo, Nina finalmente se olhou no espelho e se reconheceu. Pela primeira vez, em muito tempo, estava só — mas nunca mais ficou largada às traças.

Túmulos de Terra – *Laborum Meta*

Caio A. Parente Peres - 1EMAB

Um grupo de crianças corriam descalças, carregando corajosamente seus barcos improvisados de madeira pelas margens do rio Volga. Era o ano de 1921. A cidade ainda se chamava Tsaritsyn e, mesmo em tempos de fome e guerra, as crianças insistiam em brincar — talvez por ignorância, talvez por esperança. Nem sequer imaginavam que aquelas estradas de terra, aos poucos, iriam se transformar em puro tijolo e concreto... e, num futuro não tão distante, talvez em túmulos para cada um deles.

"Alexei, venha aqui! A mamãe está te chamando para ir almoçar!", gritou uma jovem de longos cabelos castanhos, já ofegante ao tentar acompanhar o vigor daquelas crianças.

"Já tô indo, irmãzona!", diz o garoto, correndo em direção à irmã.

Era levemente magro, provavelmente muito acostumado a brincar, mas também costumava esquecer de almoçar. Ele segura firmemente a mão dela, deixando o barco para trás, e os dois andam juntos, indo em direção à casa.

"Hoje vai ter sopa de batata, né?", perguntou Alexei com um sorriso no rosto.

Sua irmã retribuiu o sorriso, visivelmente cansada: "Se você for um bom garoto e começar a lembrar de se alimentar, talvez Deus nos abençoe com algo que não seja só água e sal!".

Os dois fazem uma careta brincalhona e dão risada, se afastando cada vez mais do rio.

De repente, o mundo é iluminado — o passado é dissolvido em fragmentos e ruínas gélidas.

2 de fevereiro de 1943. Tsaritsyn, agora Stalingrado.

"Um sonho, hein?", Alexei indaga consigo mesmo após acordar completamente sozinho. Havia desmaiado de exaustão nas ruínas do que um dia já fora uma escola. Privou-se do sono durante dias. Seu batalhão deve estar à sua procura. "Aqueles tempos eram bem mais simples. A fome é a mesma, mas ao menos eu não estava lutando no 'Moedor de Carne' de Stalingrado", diz, rindo sarcasticamente.

Pela primeira vez em muito tempo, ele seria capaz de ouvir apenas o vento, que zumbe ominosamente pelos fios elétricos. Não há sinais do assobio das armas nem do som dos morteiros. "Parece que, por enquanto, a sinfonia da morte se acalentou." Alexei analisa brevemente os desenhos desbotados em uma das paredes estilhaçadas, como se pudesse ver ali sua infância — agora sufocada nos escombros da história —, restando apenas a saudade de seu passado e de sua amada Maria.

Saindo das ruínas, busca se esgueirar entre as ruas e edifícios como um rato, evitando ser visto por algum franco-atirador alemão. Adentra uma das casas ainda não vasculhadas em busca de mantimentos. Então, ouve um ruído abafado vindo da sala... Era uma voz. Seu coração dispara e suas mãos tremem. Ele respira fundo e lentamente abre a porta.

A temperatura penetra por entre suas luvas, fria como o inferno, e a ansiedade se intensifica. Era uma voz humana — mas não era, de fato, um ser humano. "...o Exército Alemão em Stalingrado se rendeu. Repito, rendição oficial.

Nossas tropas... vitoriosas...", anunciava o rádio, funcionando quase que milagrosamente.

De repente, a porta é arrombada por um grupo de homens armados e fardados. Alexei rapidamente se abriga atrás de uma das colunas enquanto vê o rádio ser fuzilado e a estática se dissipar em meio aos disparos. Aqueles definitivamente são inimigos.

Desesperadamente, Alexei tenta se lembrar do passado, buscando fugir da dolorosa possibilidade de nunca mais rever a sua amada antes de morrer.

E então, ele se recorda. Seus pensamentos me arrastam para outro tempo.

Lá estava eu, em uma das reuniões obrigatórias da juventude comunista, durante minha adolescência. Conheci uma garota — seus cabelos negros e sorriso desleixado me deixaram encantado, mas o que me intrigava de verdade era a astúcia em seus olhos e sua fala, que de alguma forma preenchia as salas com ternura, destoando de maneira quase sobrenatural da sensação de morbidez do dia a dia. Com ela, consegui rir pela primeira vez após a conquista total de Stalin sobre a cidade, em 1925. Uma risada curta, quase como se a felicidade fosse algo a ser escondido. Ela percebeu isso — da mesma forma que sempre percebia tudo — com tamanha perspicácia, e persistiu em alegrar meus dias. Seu nome é Maria.

Crescemos juntos e, ao adentrar a vida adulta, nos casamos. Mas a perturbadora estepe negra se pôs entre nós dois. Após o bombardeio na cidade, sei que ela estava em um dos abrigos, mas, desde então, não consegui reencontrá-la. Imagino que, em meio à noite escura, não esteja dor-

mindo, mas sei que espera por mim. É por isso que sei que nada vai acontecer comigo.

Tsaritsyn se tornou apenas um túmulo daquilo que já havia sido em seus tempos de glória. Com a guerra civil, o frio que já era cortante tornou-se visceral. Aos poucos, os sinos das igrejas pararam de tocar. Já não se ouvia falar sobre seu antigo governante, o czar — talvez porque seu governo já não tivesse como durar. Antes que qualquer um pudesse perceber, a cidade já não era mais aquela de antigamente. A paisagem passou a perder seu brilho — aos poucos, as cores deram espaço à fumaça das fábricas, apagando pouco a pouco tudo aquilo em que acreditávamos. Nossa vida e nosso nome mudaram: agora estávamos em Stalingrado.

De um dia para o outro, até mesmo nossa fé zarpou como um dos meus frágeis barcos de madeira, descendo penosamente o rio Volga abaixo. Minha irmã desapareceu. Nossa cidade foi conquistada — assim como nossas crenças e vontades.

Mas de que isso importa agora?

Penso comigo: estou feliz. Estou calmo no combate mortal. Sei que ela vai me encontrar com amor, não importa o que aconteça comigo.

Subitamente, me encontro novamente no presente. Os atiradores não eram ninguém mais, ninguém menos do que meus companheiros, visivelmente abatidos e transtornados. Um deles rezava para o deus que nosso país negava. Os outros já estavam cansados demais para se importar, então Sasha, o mais velho do grupo, me questiona:

“Você tá vivo, desgraçado? Pensei que tivesse virado mais um picolé de sangue no meio desses escombros”!

“Quase virei. Quase fui fuzilado!”, respondo com um sorriso fraco e cansaço na voz. “Acordei agora há pouco. Ouvi o rádio... Parece que vencemos. Afinal, vocês me confundiram com um alemão?”.

Sasha solta uma risada sincera: “Confundir você com um alemão? Com essa feição desnutrida e essa barba de semanas é mais fácil te confundir com um fantasma.”.

O soldado Pavel se aproxima.

“Achamos que estava morto. Já fazem três dias que nós não entramos em contato”.

Alexei escorou-se na parede e quando sentou no chão, sentiu que finalmente podia respirar.

“Peguem seus sobretudos, vamos para casa agora.”... Mas que casa?

As paredes já não guardam ou abrigam mais alguém, os rostos do que um dia foram pessoas, já não são mais ninguém. O que restou da cidade foram apenas lembranças. O alívio é temporário. Sasha esfrega seus olhos cansados.

“Amanhã nos mandarão para Kursk”. Pavel suspira seco, como se já soubesse qual seria seu destino. Ninguém diz nada.

Eles pegam seus sobretudos e começam a última marcha em busca de curar os feridos e sepultar os mortos. Nenhuma gota de sangue foi derramada, nenhuma arma foi levantada. Corpos são estirados no chão, seus músculos já estão muito cansados, mesmo que a batalha tenha terminado. Não poderiam continuar lutando. O céu acinzentado aos poucos se torna azul.

“O verão é bem melhor que o inverno. Os barcos estão nos chamando, que tal navegarmos uma última vez?”. Alexei sente a mão de Maria envolvendo seus ombros cansados.

Está tudo bem — talvez tenha encontrado sua amada, ou apenas a paz, o verão pelo qual ansiava.

Verdades

Diogo Lucas Souza - 1EMCC

Victória sempre foi boa em fingir...

Fingia estar bem, fingia que amava, fingia que acreditava em tudo o que lhe diziam. Todos ao redor pareciam fazer o mesmo — como se a mentira fosse um contrato silencioso para manter a paz. E ela assinava esse contrato todos os dias com um sorriso no rosto e os olhos vazios.

Mas há um limite. Toda mentira, cedo ou tarde, escorrega pelas rachaduras da alma. E foi em uma tarde comum, sem aviso, que a verdade decidiu se apresentar. Crua. Sem maquiagem. Fria.

Ela encontrou aquela carta por acaso — ou talvez não tenha sido tão "por acaso". Um envelope esquecido no fundo da gaveta, endereçado a ela, mas claramente nunca enviado. Uma caligrafia conhecida. Um conteúdo devastador.

Palavras que diziam o que ela jamais quis saber.

Palavras que gritavam que tudo — exatamente tudo — havia sido uma farsa.

O amor que juraram sentir por ela.

A amizade que dizia ser verdadeira.

A vida que acreditava ter construído com base em confiança... era um palco, e ela, só uma peça substituível.

Ao perceber isso, Victória caiu.

Primeiro de joelhos. Depois no chão.

Ela sentiu uma profunda dor, mas não chorou.

Chorar seria humano demais para o que sentia.

O tempo perdeu o nome. Os ponteiros não se moviam mais, como se até o relógio se recusasse a seguir adiante com ela.

Havia apenas um som: o da própria respiração tentando continuar — e mesmo assim falhando miseravelmente.

Na carta, havia frases sublinhadas. Palavras que perfuravam intensamente seu peito.

"Ela nunca entenderia. É fraca demais."

"É mais fácil mentir do que encarar a reação dela."

"Ela precisa da ilusão para sobreviver."

Victória leu e releu.

A cada leitura, uma parte sua morria — mas nenhuma delas era suficiente para enterrá-la de vez.

Era como se estivesse viva por acidente.

Levantou-se do chão como se seus ossos fossem de vidro. Cada passo até o espelho foi um teste de resistência. Quando finalmente se olhou, não se reconheceu. Havia algo nos olhos... não era raiva. Era ausência.

— É isso... — murmurou-se, como se confessasse algo a si mesma. — Nunca fui eu. Sempre fui... o que vocês precisavam que eu fosse.

A verdade não era uma revelação. Era um espelho.

E o reflexo a observava com um sorriso torcido.

De repente, ela começou a rir.

Baixo. Depois alto.

Um riso agudo, histérico, incontrolável.

O tipo de riso que ninguém gostaria de ouvir sozinho, no meio da noite.

Foi nesse momento que entendeu:

A mentira era um cobertor quente.

A verdade, uma lâmina fria que arranca a pele sem anestesia.

Ela não gritou. Não destruiu nada.

Apenas escreveu.

No verso da carta, com a própria letra, deixou uma mensagem curta:

"Agora entendo.

A verdade não nos liberta.

Ela nos devora."

Dobrou o papel com delicadeza.

Colocou-o de volta no envelope.

Saiu de casa sem trancar a porta.

Talvez esperasse que alguém entrasse.

Talvez não.

Mas, naquela noite, o mundo ficou um pouco mais quieto.

E a verdade?

Ela continuou onde sempre esteve: esperando pela próxima vítima que ousasse olhá-la de frente.

Onde dormem os nomes perdidos

Emanuel Guilherme - 1EMAC

Na cidade de Disregard havia uma viúva chamada Malvina, que todas as manhãs levava flores para o túmulo de alguém que ninguém conhecia. Uma coisa era certa: aquele túmulo não pertencia ao seu marido.

Certa manhã, enquanto realizava esse ritual silencioso, Malvina não percebeu que estava sendo observada. Alguém a seguia à distância. Era um menino chamado Pierre, conhecido por ser problemático, tachado por todos como o vândalo da cidade. Curioso com aquela cena repetida, Pierre se questionava:

"Se ela não visita o falecido marido, a quem pertence aquele túmulo? Será algum parente? Um amigo da família? Ou talvez ela seja apenas uma moça gentil que respeita os mortos?"

Decidido a descobrir o motivo das visitas diárias, Pierre elaborou um plano para observar a rotina da viúva, na esperança de encontrar pistas sobre seu passado.

No dia seguinte, ele a seguiu discretamente. Primeiro, ela passou pela igreja. Depois, foi até a floricultura e comprou algumas flores. Por fim, caminhou até o cemitério e, como de costume, depositou as flores sobre o túmulo desconhecido.

Quando Malvina se afastou, Pierre aproximou-se do túmulo. Para sua surpresa, não havia nome algum gravado na lápide. No entanto, algo chamou sua atenção: uma pequena medalhinha de ouro, destacando-se entre as flores.

Ao pegá-la, notou que havia uma fotografia dentro. Era uma imagem antiga da viúva Malvina, rasgada ao meio.

A outra metade, desaparecida, deixava em aberto a identidade da pessoa ao lado dela.

Perturbado, Pierre voltou para casa cheio de dúvidas, a medalhinha guardada consigo. Reuniu coragem e questionou seus pais sobre Malvina e seu passado. A reação foi inesperada. Eles se irritaram, mandaram que ele esquecesse o assunto e proibiram qualquer nova investigação.

Angustiado, Pierre trancou-se em seu quarto e chorou, sentindo-se sufocado pelas perguntas sem resposta.

Na manhã seguinte, decidido a confrontar a viúva, Pierre a encontrou novamente no cemitério. Ela estava ajoelhada diante do túmulo, com o mesmo ar melancólico e sereno.

Ele se aproximou e perguntou: "A quem pertence esse túmulo"?

Malvina o olhou com ternura, colocou suas mãos frias sobre o rosto quente do menino e sorriu. O toque era reconfortante, um misto de tristeza e acolhimento. Pierre, sentindo-se calmo, repetiu a pergunta.

Malvina apenas inclinou a cabeça e encostou sua testa na dele. Em segundos, ele adormeceu ali mesmo, junto ao túmulo.

Ao acordar, Pierre voltou para casa confuso, tentando entender o que havia acontecido.

Lá, encontrou seus pais esperando por ele com um pedaço antigo de uma fotografia.

Sem dizer nada, eles entregaram a imagem. Com as mãos trêmulas, Pierre retirou a medalhinha do pescoço e encaixou as duas partes da foto.

Ali estava Malvina, sorrindo. Ao seu lado, o marido Harleryin. E entre eles, uma criança... uma criança muito familiar.

Com lágrimas nos olhos, seus pais revelaram a verdade. Muitos anos atrás, houve um naufrágio. Apenas um bebê sobreviveu, filho de Malvina e Harleryin. A criança foi levada a um orfanato e, tempos depois, adotada por um casal que não podia ter filhos.

Esse bebê era Pierre.

A revelação o despedaçou. Tudo o que acreditava sobre si mesmo era mentira. Ele chorou, sentiu o peito apertado e correu em direção ao cemitério.

Pierre correu pelas ruas silenciosas de Disregard, o coração batendo como se quisesse fugir do peito. As casas, as árvores, o mundo ao redor pareciam borrões diante de seus olhos marejados. Tudo o que conhecia se despedaçava: sua história, sua identidade, sua origem.

Ao chegar ao cemitério, o céu estava coberto por nuvens pesadas, como se o próprio dia partilhasse da dor que ele sentia. Lá, diante do túmulo sem nome, Malvina já o esperava.

Ela estava de pé, com as mãos cruzadas à frente do corpo, o olhar sereno fixo em algo além do visível. Quando o viu, apenas sorriu. Era o mesmo sorriso triste e doce da manhã anterior.

Pierre parou diante dela, ofegante. Tentou dizer algo, mas nenhuma palavra saiu.

Malvina se aproximou, tirou do bolso um pequeno envelope amarelado e colocou em suas mãos.

"Eu esperei por você todos os dias", disse ela, com a voz baixa, como se contasse um segredo antigo. "Sabia que, um dia, o destino iria trazê-lo de volta".

Pierre abriu o envelope. Dentro havia uma carta escrita com uma caligrafia delicada. Era uma despedida de Harleryin, o pai que ele nunca conhecera. Na carta, o homem falava de amor, de saudade e de esperança. Esperança de que o filho sobrevivesse, de que um dia soubesse a verdade.

Pierre caiu de joelhos. Chorou, pelas memórias que nunca teve, pelos anos de silêncio, pelo tempo perdido. Malvina se ajoelhou ao seu lado e o abraçou. Pela primeira vez, mãe e filho se encontravam não apenas pela carne, mas pela alma.

"Você é tudo o que me restou", sussurrou ela.

O vento soprou leve e, por um instante, o túmulo sem nome pareceu respirar. Uma pétala branca caiu sobre a terra. Não havia nome esculpido ali, mas agora havia algo mais forte: a presença viva da memória, o elo invisível entre os que se amam além da perda.

Na cidade de Disregard, onde tantos esqueciam, dois corações enfim se lembraram.

O que te levou de mim

Geovana Correa Costa - 1EMAB

Anne sempre soube que algo estava errado por aqueles tempos. As manhãs estavam mais silenciosas, os sinos da pequena vila que a menina morava não tocavam com a mesma leveza de antes. Mas ninguém falava abertamente sobre isso. Só cochichos. Só maus presságios. Anne tinha medo disso.

Edgar fazia Anne esquecer o mundo lá fora. Eles cresceram juntos na pequena vila de Domme, lendo livros sobre o mundo que pretendiam conhecer e partilhando sonhos audaciosos demais para a modesta vila em que viviam. Anne sabia o que sentia por ele, mas nunca contou ao rapaz. Sua justificativa? A garota pensava nunca haver um momento ideal e talvez ela preferisse assim.

Até o dia em que ele parou de aparecer.

No começo, ela achou que era só uma das ausências comuns. Edgar gostava de ajudar o pai nas plantações ou consertar coisas com o habilidoso tio. Passou um dia, dois, três, e quando chegou a uma semana, Anne decidiu procurar saber o paradeiro do amigo, mas por que ninguém na vila respondia suas perguntas sobre Edgar?

Foi no armazém de trigo que ela ouviu pela primeira vez. Duas mulheres conversavam sobre:

— O filho da Margot recebeu uma carta sendo convocado à guerra com caráter de urgência. Pobre menino, que tenha sucesso na guerra!

Anne sentiu o seu chão cair. Correu até a casa dos pais dele, o coração batendo freneticamente. Chegando a

casa, a mãe, Margot, recebeu-a com um olhar cansado de tantas lágrimas derramadas.

— Minha querida, Edgar não te contou? — perguntou baixinho.

Anne balançou a cabeça, indicando que não. A mulher segurou sua mão com uma doçura materna, e a dor em seu rosto dizia mais do que as palavras que ela podia pensar em falar. Edgar tinha partido com os primeiros soldados, levado pela promessa de glória, de defender o rei e de fazer algo que "importasse" para o país.

Mas e ela? E os planos? E o amor que ela sentia por ele? Será que Edgar se importava tão pouco com ela para ir embora sem nem sequer se despedir?

Margot disse que seu filho havia prometido voltar em algumas semanas. Ela sabia muito bem o que aquilo ia ser: uma promessa de jovens, sempre feitas e quase nunca cumpridas.

As semanas viraram meses, e a peste chegou, a doença misteriosa que era caracterizada por não ter cura, por matar a pessoa de forma rápida, por ser altamente contagiosa, erradicando cidades inteiras, obrigando-as a fechar seus portões. Faltavam covas para os mortos e os doentes eram abandonados nas ruas.

O medo de nunca mais ver a pessoa que amava tomou conta de Anne, a menina não conseguia mais esperar. Tomada pela irracionalidade de um ser apaixonado, juntou o pouco que tinha em casa: uma manta, alguns mantimentos, uma garrafa de água, tomou rumo e decidiu seguir seu coração atrás de Edgar.

Perguntava em vilarejos, em feiras desertas, em igrejas com pouquíssimas pessoas e em basicamente todo lugar em que ela passava. Ouviu lendas e horrores: de soldados abatidos não só pela guerra, mas também pela peste em pleno campo de batalha, de cidades queimadas para conter o avanço da doença, de médicos falsos que não tinham formação suficiente e mesmo assim "ajudavam" os enfermos. Mas também ouviu falar sobre um aguerrido soldado. Anne ouviu histórias de grandes soldados. O bravo, o destemido, astuto em campo de batalha. O que salvou uma criança em um vilarejo de uma invasão inimiga, que junto a outros guerreiros impediram saqueadores de roubar cidades. Ela sabia quem era esse soldado. Era Edgar.

Os relatos assustavam a menina, mas também incentivava a seguir em frente.

Febril e cansada, chegou a um acampamento perto de uma colina. A bandeira do reino tremulava no alto de palácios que pareciam não haver ninguém, mas o odor que dali exalava era de morte, odor esse que era mais presente do que o de vitória.

— Procuro Edgar... Edgar de Domme — ela disse, quase desfalecendo nos braços do primeiro soldado que apareceu para ajudá-la. Alguns soldados conversaram por um tempo, até que a levaram até ele.

Ele estava pálido, deitado sobre o chão sujo, o corpo consumido pela febre. A maior parte da pele estava necrosada, sintomas da peste. Edgar não tinha mais tanto tempo de vida, mas quando a viu, seus olhos se abriram, como se algo dentro dele estivesse prevendo que aquilo iria acontecer e decidiu esperar.

— Anne...

Ela caiu de joelhos ao lado dele, pegando sua mão.

— Por que não me contou? — sussurrou. — Por que foi embora?

— Eu... achei que voltaria logo... que seria algo rápido... — disse com dificuldade. — Mas tudo se perdeu. A guerra... a peste...

— Eu só queria te dizer... que te amo. Desde sempre — um alívio, Anne sentiu um alívio ao proferir essas palavras.

Ele sorriu. Um sorriso fraco.

— Eu também.

O mundo desmoronava, mas naquele instante, entre as mãos trêmulas e os olhos febris, ela teve tudo o que buscou por tanto tempo, e que nem mesmo a peste pôde calar antes de ser dito.

Sozinho

Henrique Gabriel Abensur Lima Souza - 1EMAD

Eu quero saber onde eu estou, tá tudo tão escuro.

Não tem absolutamente nada, nem sei como eu vim parar aqui. Por sinal, quem sou eu? Ah,tem um garoto ali.

— Ei garoto, você tá bem?

Ele não tá me respondendo, por que ele parece que tem medo de mim?

— *O que você está fazendo aqui?*

O garoto saiu correndo enquanto olho pra trás e vejo uma figura alta. Não o reconheço, mas sinto que deveria.

— Como assim, "O que você está fazendo aqui?"

— Só estou estranhando lhe ver por aqui, depois do que você me disse.

— Hã!? Não tô entendendo nada do que tu tá falando, mano. Quem é você pra início de conversa???

— Você...como não lembra de mim? Você mais que qualquer deveria saber quem sou, SOU EU, ————————.

— QUÊ?? Eu não ouvi, não dá pra entender. Quem você é?

— Hum, deve ser por isso que está aqui. Vou ter que lhe forçar a lembrar de mim.

Misteriosamente, ele me pega pela cabeça e me empurra contra o chão. Era apenas um vazio, e p chão era mais como água. De repente, eu me encontrei em frente a uma casa.

— Que lugar é esse?

— Você pergunta demais, apenas me siga.

— Seria mais interessante você me responder.

— Cala a boca, Henrique.

— Pera, meu nome é Henrique? Eu esperei qualquer nome, menos esse.

— Você está pior do que eu imaginava.

Entramos na casa, que não tinha nada de especial, nada demais. Porém, aquele garoto estava lá, ele continuava me encarando, até que o cara ao meu lado vai abraçá-lo, e não pude deixar de perguntar:

— Que... droga você tá fazendo?

— Eu estou protegendo ele.

— Mas não tem nada aqui. Pra falar a verdade tem uma mulher ali, é a mãe dele?

O garoto chorando acena que sim, mas ele também parece ter medo dela.

— Isso tá estranho. Por que ele tá com medo da mãe?

— A mãe dele fez escolhas erradas, isso mudou muito o estado como ela aguenta as coisas e lida com elas. Às vezes, ele acaba ferido.

— Oh, que merda! Mas... ele não tá machucado, não tô entendendo.

— Há feridas que podem machucar mais que uma simples dor física, palavras machucam tanto uma criança... Ele pediu para que eu o protegesse.

— Ah...agora que você comentou,me faz lembrar minha mãe, ela também já foi assim, só que eu apenas a ignorava... eu cansei de tentar impressionar ela.

— Vamos para outro lugar.

— Tão repentinamente??

Novamente, ele me afogou no chão, só que dessa vez, minha cabeça doeu, como se... eu tivesse sentido milhares dores simultaneamente.

— Beleza, você tem que me locomover de uma melhor forma seu...sei lá, nem sei seu nome.

— É, me dói bastante ouvir isso. Não me relembre disso.

— Tá, agora você me trouxe aparentemente pra uma escola. Quer me mostrar mais uma historinha triste do garoto?

— Você fala de uma forma tão esnobe, como se isto fosse baboseira.

— De certa forma, é um pouco. Eu continuo sem entender como eu cheguei aqui.

— Tenha paciência, pois com o tempo necessário você deve entender o propósito de tudo.

É, vimos o dia inteiro do garoto. Ele sofria bullying (bom, sendo gordo numa escola pública, era de se esperar) apenas porque ele gostava de ler gibis. Não aparentava ter amigos também, que deprimente.

— Você não deveria protegê-lo disso também?

— É, eu adoraria, porém, eu preciso que ele aprenda. Isso são coisas que ele terá que aprender para ser forte.

— Quê!? Hahahah! Ele é apenas uma criança, você tá pagando de protetor, anjo da guarda, mas não faz NADA!

— Eu sei o que estou fazendo!

— Aparentemente não, eu vou ajudar ele.

— Nem pense nisso.

Ele era mais forte que eu, óbvio que me derrubou novamente no chão e me fez perder a consciência com a pan-

cada na “água”. Dessa vez, por algum motivo, eu acordei gritando, chorando e chamando alguém cujo nome nem eu mesmo entendo.

— Que p*rra foi essa?

— Levanta, que ainda temos um caminho pra percorrer até você entender o porquê de estar aqui. Desculpa se preciso ser o vilão.

— Tá, tá, que seja. Onde estamos?

— Final do ano, 2023.

— Essa é nova, você não costuma me contar o tempo.

— Aqui é um momento importante.

Pela primeira vez, o garoto falou algo, olhando diretamente para a figura ao meu lado, e diz:

— Eu queria que você pudesse me ajudar, você é como um irmão mais velho para mim, eu sempre contei com você para tudo, eu estou com medo de perder tudo de novo, amigos, a garota que eu achei que seria pra sempre, família, minhas coisas... a mamãe se meteu novamente em dívidas. EU PRECISO DE VOCÊ, ZACK!

Após isso, o garoto se debruça chorando no chão enquanto cai a chuva e seu coração se despedaça em minha frente.

— Por que você não ajudou ele? Seu nome é Zack? Aiii,minha cabeça não para de doer, me responda às perguntas!

— Eu tive que deixá-lo, você tinha que aprender, suas ações dependem de você.

— Tá me dizendo que aquele garoto sou eu...?

Eu apaguei após isso, minha cabeça não parava de doer, senti tantas dores, mas por que estou sentindo essas dores?

— Vamos continuar quanto tempo nisso, Zack?

— Queria que não me chamasse nesse tom, por favor.

— Por que eu deveria te ouvir? Ele acabou de pedir sua ajuda e você ignorou ele, ou melhor, a mim! É por isso que eu tô aqui? Eu vim atrás de você, de forma desesperada??

— Quer saber, se já lhe serve o que você tem de memória, então vamos conversar! Sim, eu lhe abandonei, Entretanto, eu só fiz isso por que você não tinha mais controle pela sua própria vida, você quis ME responsabilizar por tudo.

— Não foi isso, eu só queria que você me salvasse, um apoio. Se era como um irmão, deveria ter me apoiado.

— Não quando claramente você estava fazendo merda consigo mesmo. Eu nunca fiz nenhuma das suas escolhas, você que sempre foi forte, você que sempre aguentou tudo. Você que acha que decepciona os outros, você se cobra demais, você é o babaca aqui.

— É, talvez eu tenha projetado todas as minhas péssimas escolhas, decisões, medos e hábitos em você porque eu achei que você poderia me salvar.

— É essa a questão. Você esperava ser salvo por alguém, sendo que você que tem o poder de mudar tudo, sempre teve.

— Mas eu não quero. Eu quero ter alguém, não gosto de estar sozinho, eu nunca terei uma conexão como a que eu tive com você. Eu não quero estar sozinho, por isso eu... lhe "criei". Sem você, não há razão para minha existência,

eu não consigo me prender a pessoas tão fortemente, sinto medo que elas me deixem.

Do chão de água, Zack puxou duas espadas. Ele jogou uma na minha direção e ficou com a outra.

— Já que aqui é sua mente... é, você já entendeu isso, vamos resolver da forma idiota e animada que você gosta. Pegue e me enfrente. Se eu ganhar, você poderá ficar e continuará a ter uma vida comigo, mas essas dores vão continuar.

— E se eu ganhar? Além do quê, como assim, que dores?

— Acho que vai entender o porquê da dor de cabeça que tanto sente, das lembranças repentinas e da saudade gigantesca de querer se resolver. Porém será um... desfecho melhor.

— Explica melhor. Se é sobre minha cabeça, eu adoraria isso.

— Não posso. Isso tem que ser uma competição pela vida, para decidir se você tem outra coisa além de mim.

— Você insiste em dizer que eu tenho.

Após tanto discutirmos enquanto lutávamos, Zack ficou tentando me ajudar dizendo que eu tenho amigos que se importam comigo, sonhos... eu sempre quis sair dessas dívidas e ajudar a mamãe, é verdade. Como eu pude esquecer!?

Conforme lutamos, sinto uma conexão maior com ele, mas um pavor de perder, como se eu hesitasse. Eu estava tão disposto a perder tudo, por que eu ainda luto?

— Você não disse que estaria desistindo nessa luta?

– Vai se ferrar... Zack. Tem certeza que não pode vir comigo? Eu queria você no outro lado,seria mais fácil contigo.

– Idiota. Eu sempre estarei com você, no mínimo pedaço de ti. Eu sempre fui sua consciência de responsabilidade, de erros, de coragem. Você sou eu, você faz as suas verdadeiras escolhas. Quantas vezes eu tenho que dizer isso?

– É, acho que você tem razão. Então vamos acabar com isso?

– Se você quiser...meu irmão.

Pela última vez eu me diverti com ele. Eu o "apunhalei", ele riu nos meus braços enquanto eu chorava e agradecia. Finalmente... eu acho que eu entendi a verdade pra poder viver, um sentido. Eu vi uma luz e acordei com minha mãe preocupada comigo.

Acho que foi algo além de apenas uma soneca que eu tirei que me levou a vê-lo novamente...

Boa noite, Davi

Ícaro Cadu -1EMAC

Durante uma madrugada qualquer, o jovem Davi estava fazendo algumas atividades escolares. Ele sentiu sono, então decidiu ver o horário, porém, ele nunca o descobriria, pois havia algo - ou melhor, alguém - na frente do relógio.

— Mas o que...?

— Boa noite, Davi.

Aquela... coisa... era ridiculamente alta, esguia, com penas azuis pelo corpo, patas longas e negras de pássaro no lugar das pernas, asas longas e ameaçadoras de alguma forma fundidas com seus braços longos, olhos brilhantes vermelho-escarlate e com um rosto que lembrava, de alguma forma, uma mistura de coruja e gente. Tudo isso, toda essa monstruosidade, todo esse ser de aparência grotesca, e mesmo assim... essa coisa sorria para Davi, como um predador ao ver sua presa. Ele sorria de um modo sádico no rosto.

— Hoje podemos brincar?

Davi engoliu em seco, desejando que dessa vez a criatura só... fosse embora.

— Olha, eu tô estudando, me deixa em paz...

— Ah mas isso nós podemos deixar para depois...

O ser se aproximou de Davi e acariciou seus ombros. Davi sentiu um arrepio forte subindo pela sua coluna quando a coisa o tocou.

— Olha, essa coisa que eu tô fazendo é urgente... - disse ele à criatura.

— Ah, claro, mais importante que nós.

— Vai à merda.

— Davi, você sabe, fazemos isso desde que você era criança...

— Eu sei, e odeio isso.

O ser soltou uma risadinha maléfica enquanto passava as mãos pela nuca de Davi.

— Se você não fizer isso, eu posso mostrar pra todo mundo que você conhece que no fim você é só um garotinho que obedece a qualquer um e...

Davi finalmente explodiu, motivado pela raiva de ter que aturar esse monstro desde os 6 anos, pela raiva de não poder ter força pra lutar contra aquele merda, que ele nunca teve coragem de contar nada. Mesmo assim, ele ainda sentia que aquela aberração... era seu único amigo.

— NÓS NÃO SOMOS AMIGOS! VOCÊ SÓ É UMA ABERRAÇÃO QUE VIROU PARTE DA MINHA FAMÍLIA E VOCÊ PENSA QUE EU SÓ SOU A PORCARIA DE UM BRINQUEDO QUE VOCÊ PODE USAR QUANDO QUISER, E EU JURO POR DEUS QUE SE VOCÊ ENCOSTAR UM DEDO EM MIM EU VOU...

— Você vai o quê? Chorar para seus pais? Você acha mesmo que eles vão acreditar em você? Eles realmente vão pensar que a pelúcia que eles te deram do Charles, a coruja cantante, se transforma... nisso?

Ele indica o próprio corpo e ri secamente. Davi engoliu em seco, porque aquele maldito tinha razão. Por mais que não quisesse dar àquela aberração a razão, ele estava certo. Se aquilo fizesse qualquer coisa com ele, ele só poderia aceitar. Além do mais, quem acreditaria nele? Ele tinha que admitir: conviver com um monstro por 9 anos é

desgastante, mas, infelizmente, o ser humano se acostuma com a dor.

— Eu... merda... só... seja rápido, por favor.

A criatura riu. Ele se afastou de Davi e o puxou para perto antes dos dois desaparecerem num piscar de olhos.

De manhã, Davi acordou, cansado, bastante ofegante. Ele não conseguia se lembrar bem de muita coisa, mas o que importava era que ele tinha que ir para a escola. Ele tomou seu banho, se aprontou e se preparou para sair do quarto, até parar e olhar bem para uma pelúcia, uma coruja azul pequena, com olhos vermelho-vivo e um rosto bem fofo, com o nome de Charles. Davi quis fingir que ele não estava lá, ele sabia que aquela coisa não era real. Os remédios talvez estivessem parando de fazer efeito, mas no fim, o que importava era que ele tinha que entregar suas atividades de Álgebra, pois pouco importa o que ele sofreu por 9 anos, não é?

Saudade

Larissa Amorim - 1EMBD

Um ônibus lotado às seis da tarde, depois de um dia inteiro na escola, poderia ser o pior do meus cenários, mas a sensação de não ter dois pirralhos briguentos no meu ouvido me confortava.

Meus olhos pesavam, porém me mantinha alerta a cada movimento do ônibus.

Pensar nas lutas que cada pessoa podia estar passando me tirava de minha própria dor.

A terceira de cinco, a única menina em um lar onde apenas os meninos foram bem recebidos.

Meus irmãos foram amados. Já eu, apenas criada.

25 minutos...

Levantei quando vi o comércio que indicava que era minha parada, desci, e então comecei meu ritual de preparação para entrar em casa.

Não me lembro do dia em que o ritual tenha virado parte da minha rotina, mas não conseguia mais me esquecer dele.

Respirar fundo, abrir a porta, tirar os sapatos, "bença pai, bença mãe" e seguir em direção ao quarto sem fazer contato visual com ninguém. Era parte de mim.

E foi o que aconteceu mais uma vez.

Cheguei em casa e fiz o possível para ignorar as brigas diárias entre mamãe e papai enquanto tirava e deixava meus tênis em seu devido lugar.

Pedi bença sabendo que seria ignorada em meio às discussões. Subi ao meu quarto torcendo para nenhum ser de 5 ou 10 anos me seguir, e finalmente respirei.

Minha casa, finalmente na minha casa.

16 minutos...

Mesmo juntando todas as minhas forças, só consegui sentar na cadeira e observar o caos em que meu quarto vem se transformando nos últimos meses.

Eu tento, tento e tento, mas nunca consigo manter a organização. E pensar que há uns 2 anos eu era a empregada de minha própria família.

Odiava pensar, porque mesmo que eu evitasse, meus pensamentos sempre me lembravam daquele dia.

O dia em que eu encontrei a pessoa que eu mais amei, a pessoa que mais me fazia feliz, no chão, com um pote de remédios ao lado. Meu irmão.

Lágrimas ameaçavam sair toda vez que pensava em sua voz me acalmando em meio a uma das milhares de crises que eu tinha. Eu ainda as tenho, mas ele não não está mais aqui comigo.

Por que ele? Entre mil, milhões, bilhões. Por quê? Por que o meu irmão?

O mais velho havia saído de casa aos vinte e um, e o segundo, que na época tinha 17, era meu melhor amigo, meu único amigo.

Não odeio minha família, não odeio meus pais, não odeio meus outros irmãos, não odeio as pessoas que me xingam diariamente. Não, eu acho que não.

Desde que ele se foi, a única pessoa que eu odeio sou eu.

6 minutos...

Em frente ao espelho do banheiro, comecei mais uma vez a perceber todos os defeitos.

Meus olhos estavam embaçados, o que vejo é apenas uma distorção do que já é imperfeito. Ao abrir a gaveta procurando os meus remédios, encontrei o que vem me aliviando no último ano agora que estou sozinha contra mim mesma. Minhas lâminas.

A cada semana, uma promessa nova, e em uma noite qualquer, promessa quebrada novamente.

Eu não aguento mais, minha cabeça dói, meus olhos se embaçam cada vez mais, meu corpo fraqueja, minha alma grita

Meus pulsos ardem, quando foi que começaram a se encher de sangue?

3 minutos...

A pia tem detalhes vermelhos de meu sangue.

Eu peguei meus remédios, não me importo de quantos tenham, apenas viro o pote em minha mão e engulo com a água que trouxe.

Minha visão embaça cada vez mais, as batidas do meu coração ficam mais altas. O que está acontecendo comigo?

Ouço vozes chamando meu nome, batidas fortes na porta do quarto.

Eu preciso de mais remédios.

Ouço a porta do meu quarto ser aberta com força, agora os gritos e batidas estão na porta trancada do banheiro.

1 minuto...

Pego o pote de que deveria ser para semana que vem, mas sinceramente, faz meses que meus medicamentos acabam antes do prazo.

Meu corpo fraqueja, porém abro o pote.

Rachaduras começam a aparecer na porta que está sendo violentamente chutada.

Engulo os medicamentos.

Sinto minha visão escurecer, meus pulsos sangram cada vez mais, porém não doem como antes.

20 segundos...

Não sinto meu corpo, minha pernas começam a cambalear.

10 segundos...

A imagem do espelho se distorce cada vez mais. O chão agora está sujo com meu sangue.

5 segundos...

A última coisa que vejo antes de cair é a porta sendo arrombada.

3 segundos...

Agora não resta mais nada, minha visão se apaga, minha família terá para sempre a minha imagem sangrenta.

Pelo menos poderei encontrar meu irmão.

Não é?

1 segundo...

Minha história acabou.

Agora minha memória estará sempre aqui.

Irei encontrar meu irmão, a minha casa.

Os presentes do papai

Luanna Jackelinne Tavares Lima -1EMBD

Aquele mês estava mais quente que o normal, o que para Ísis não era nenhum problema.

Ela amava o calor.

Talvez fosse pelo jeito como sua mãe comparava a cor de seus olhos com o céu, os fins de tarde, a praia, o sol, e o melhor de tudo: o seu aniversário.

Os preparativos estavam conforme o planejado. Ela já havia pensado em tudo, era incrível como uma garotinha de apenas 6 anos era resoluta no que decidia, sua esperteza admirava a todos. Contudo, mesmo com quase tudo pronto, algo a incomodava.

O fato de seu pai não ter aparecido desde o mês passado a intrigou. Pra falar a verdade, ela não se importava tanto, era normal seu pai "sumir" vez ou outra, sair sem data para voltar, pois o seu emprego misterioso precisava dele para resolver "coisas importantes". Porém daquela vez ela estranhou, afinal seu pai nunca sumia no seu mês, o que ele dizia ser o mais especial de sua vida, o mês em que ele vinha com os seus presentes.

Os presentes.

Para compensar os seus sumiços repentinos, enchia a pequena com os melhores brinquedos, roupas e sapatos, e quando chegava o seu aniversário, os presentes eram melhores e surpreendentes.

Por mais que ele fosse todo errado, ele a amava.

E ela o amava também.

Ele era o seu herói, o seu melhor amigo, o seu porto seguro, mesmo não sendo tão presente.

Ísis fazia diversas perguntas a si mesma, e conforme os dias se passavam, uma pergunta das mais insistentes soava aos ouvidos de sua mãe:

"Que horas que ele volta?".

O silêncio era sua resposta.

O clima em sua casa era tenso, seu pai nunca tinha sumido sem dar respostas. Será que ele realmente voltaria? Pela primeira vez, ela não sabia dizer.

Perante aquela situação, os presentes já nem importavam tanto, ela ficou tão cabisbaixa que a animação para chegada de sua festa estava indo embora aos poucos. Os dias se passavam lentamente, e aquela pergunta ainda ressoava aos cantos da casa.

"Que horas que ele volta?"

...

Faltava apenas uma semana.

Dois dias antes de sua festa, estava prevista a entrega de seus presentes conforme planejado com seu pai antes da sua última partida. Então, cheia de esperanças, Ísis vestiu seu vestido favorito, arrumou seus cabelos e sentou no sofá, esperando que ele entrasse pela porta e apenas dissesse que estava tudo bem, o abraço dele seria muito melhor do que qualquer presente.

Até que, de forma inesperada, a pequena escutou sons vindo do lado de fora, talvez fosse seu pai chegando. Rapidamente, Ísis correu animada e chamou a sua mãe para dar a notícia, sua alegria era tanta que ela dava pulos de felicidade. Ele realmente tinha voltado para casa?!

Tudo aconteceu muito rápido.

Ísis abriu a porta na expectativa de encontrar seu pai ali, porém a única coisa que escutou foi o alto grito de sua mãe e um ruído seco antes de cair no chão.

O homem de preto não teve reação, visto que seu erro já não tinha mais volta: seu engano derramou sangue inocente. Sem ao menos se explicar, fugiu, covarde.

Pobre menina, teve sua doce vida interrompida em uma vingança mal sucedida. Se apenas pudesse saber se seu pai voltaria para poder tirar de seu peito a angústia que sentia, nem isso lhe deram o direito!

Os presentes se foram junto com uma vida toda cheia de sonhos e planos, que agora tinham sido arrancados de forma cruel e injusta por um simples mal entendido.

Seu pai chegou horas depois, e quando viu sua filha nos braços de sua esposa, percebeu que era tarde demais para ter chegado em casa.

Ele conhecia muito bem o homem de preto e sabia que não era para Ísis estar ali, mas, sim, ele. Infelizmente, a culpa que ele sentia não traria sua filha de volta, como consequência de sua ganância.

Você realmente amava sua filha?

Por que não a protegeu?

Por que não voltou para casa?

O remorso lhe tomou por completo.

O desespero de sua mãe angustiava, doía inexplicavelmente. Qualquer um que passasse ali conseguiria sentir a dor que havia em seus gritos agudos, suplicando por ajuda.

Sua pequena, sua princesa, o seu bem mais precioso estava ali, dormindo em seus braços.

Não era real, aquilo não podia ser real.

"Eu só percebi sua ida quando vi que não poderia mais te responder que seu pai havia chegado em casa".

A terceira chance não vem da mente, e sim do coração

Luiz Gustavo - 1EMAA

Em uma pequena cidade onde o tempo parecia ter parado, vivia Clara, uma mulher de coração generoso e alma sonhadora. Após dois relacionamentos frustrados, ela havia decidido que nunca mais se entregaria ao amor. A razão a havia convencido de que o amor era um risco desnecessário, um jogo em que sempre saía perdendo.

Certa manhã, enquanto caminhava pelo parque, Clara encontrou um cachorro perdido. Ele estava sujo e assustado, mas seus olhos brilhavam com uma esperança inabalável. Sem pensar duas vezes, Clara o levou para casa e decidiu cuidar dele. Com o passar dos dias, ela percebeu que a presença do cachorro, que chamou de Pingo, começava a aquecer seu coração novamente.

Pingo não apenas trouxe alegria para sua vida; ele também a ensinou sobre amor incondicional e confiança. Em uma noite estrelada, enquanto brincava com ele no quintal, Clara se lembrou de como havia fechado seu coração para novas experiências. O cachorro parecia entender sua dor e a encorajava a abrir-se novamente.

Foi então que apareceu Lucas, um velho amigo de infância. Ele sempre teve um carinho especial por Clara, mas nunca teve coragem de se declarar. Com o tempo em que passaram juntos cuidando de Pingo, Lucas percebeu que as barreiras dela estavam começando a cair. Ele sabia que não poderia convencê-la com palavras; precisava tocar seu coração.

Uma tarde, ao ver Clara rindo enquanto jogava bola para Pingo, Lucas tomou coragem. Ele se aproximou e disse: "Clara, às vezes as melhores coisas vêm quando menos esperamos. Às vezes, precisamos ouvir o coração e não só a mente". Clara olhou em seus olhos e viu ali uma sinceridade que nunca tinha notado antes.

Naquele instante, ela compreendeu: suas duas chances anteriores tinham sido guiadas pela lógica e pelo medo. Mas agora era diferente. Ela sentia algo novo pulsar dentro dela — uma terceira chance que não vinha da mente racional, mas sim do seu coração aberto.

Com um sorriso tímido, Clara decidiu arriscar mais uma vez. Afinal, o amor verdadeiro não se baseia em cálculos ou medos; ele floresce quando nos permitimos sentir e confiar novamente.

E assim começou uma nova história — não apenas entre Clara e Lucas, mas também dentro dela mesma.

A fada do ralo

Mariana Hadassa Quinderé Grana Gonçalves - 1EMBC

Laura encarava o ralo do banheiro como um guerreiro encarava o dragão. Sua espada, o desinfetante poderoso; seu escudo, a sacola plástica enrolada em sua mão; e sua armadura, um coque desgrenhado e a primeira camisa que viu na sua frente de manhã. Assim, ela se preparava para sua batalha, determinada a acabar com qualquer coisa que estivesse dentro daquele ralo.

Os barulhos começaram sexta-feira, baixos, quase inaudíveis, mas altos o suficiente para botar uma pulga atrás da orelha de Laura. Domingo, eles se intensificaram. Laura não tomava banho sem pensar que a qualquer momento o Boitatá poderia pular do ralo e levá-la embora. Ela já não dormia direito fazia um tempo, e os rugidos saindo daquele maldito ralo apenas contribuíam com seu estresse e paranóia. Hoje, segunda-feira à noite, a garota decidiu agir após o estardalhaço no ralo do banheiro não deixá-la ter uma boa noite de sono de novo.

Sua mão hesitante, protegida pela sacola plástica, aproximou-se do ralo imundo e removeu a tampa com cuidado, um estalo molhado ecoou pelo banheiro silencioso e o emaranhado viscoso de cabelos nas laterais do ralo exalava um cheiro desagradável. Uma expressão de desgosto formou-se em seu rosto já carrancudo. Laura já não duvidava de que um monstro radioativo — e deveras cabeludo — poderia estar morando no ralo do seu banheiro, e a culpa seria sua por não ouvir sua mãe e não lavar o próprio cômodo.

Ela podia ouvir a voz de Dona Jacira mandando-a deixar de frescura no fundo de sua mente.

Laura rapidamente agarrou o tufo de cabelos asquerosos e virou a sacola de dentro para fora, prendendo os fios mal-cheirosos na prisão de plástico, amarrando-o para descartá-los depois que terminasse sua caçada. Ela examinou o interior da caverna de cheiro nauseante e agradeceu mentalmente por não ver nada além de um breu dentro do cano.

Laura tomou coragem, tampou o nariz e derramou uma tampinha de desinfetante, e nada lhe preparou para o que presenciava naquele momento. Um grito alto e feminino, saído de dentro do ralo, ecoou pelo banheiro. Laura tentou recuar bruscamente, mas perdeu equilíbrio e caiu de costas nos azulejos molhados, e mesmo o som do impacto não foi suficiente para comparar-se ao grito trovejante.

Ao erguer-se da queda, Laura se viu diante de algo que antes julgava impossível. Uma criaturinha de asas — translúcidas e cintilantes, que batiam delicadas como as de uma pequena libélula — e de vestidinho de balé, com tule rosado em camadas finas tal qual pétalas de flor. Seu rosto, suave como um querubim, seria ainda mais encantador se um par de olhos fulminantes e ameaçadores não encarassem Laura.

— Você tá maluca, garota?! — A fada esbravejou.

Laura não conseguiu nem se defender, estava paralisada, seus lábios tremendo levemente, mas nada saia além de silêncio. Aquela situação era tão absurda que começou a pensar se sua insônia não estava lhe causando alucinações também.

A pequena criatura, vendo o estado perplexo de Laura, zombou com um tom de falsa educação:

— Prazer, Fada do Ralo. Nunca ouviu falar de mim?

A garota se encontrava mais confusa do que nunca. Fada do Ralo? Que tipo de sonho perturbador era aquele?

A fadinha bufou:

— Não me conhece, né? Pois é. Eu fiz teste pras Winx mas disseram que eu tava muito gorda pra vaga. Agora eu tenho que me contentar em amaldiçoar gente imunda que não lava o próprio banheiro. Laura, né?

— Amaldiçoar? Gente imunda?! — Agora Laura parecia mais ofendida do que assustada.

— Eu tô brincando, criatura. Mas você acha que pode ficar sem lavar o banheiro por tanto tempo assim? Não é nada pessoal, mas você tem que tomar vergonha.

— E o que você tem haver com isso? — Laura estava confusa, ofendida e maravilhada.

— É meu propósito, querida, pelo menos até eu mudar de setor. Eu faço uma algazarra no ralo do seu banheiro até você vir limpar. E você demorou, hein. — A fada olhou Laura de cima a baixo, julgando-a sem se preocupar em disfarçar.

— E-Eu... Você... — Laura estava sem palavras novamente, e odiou admitir mentalmente que aquela criaturinha estava certa — Tá bom. Eu já tô aqui mesmo...

A fada aplaudiu, comemorando mais um trabalho cumprido:

— Assim que eu gosto!

Após algumas quedas e bastante esfrega-esfrega, Laura contemplava seu banheiro limpo e cheiroso como

uma obra de arte. Ela suspirou e virou para a fadinha que sentava em seu ombro.

— Obrigada, Fada. Eu realmente tinha que dar um jeito nessa imundície.

O tom aliviado de Laura fez um sorrisinho satisfeito aparecer no rosto da fada.

— Trabalho cumprido, então! Só não deixe o banheiro ficar nesse estado de novo, se não, vai ter que se acostumar com minha companhia.

Com uma piscadinha, a Fada do Ralo desapareceu graciosamente no ar, deixando uma trilha de purpurina e um banheiro limpo para trás.

O estranho aluno da Fundação Matias Machline

Paulo Gabriel Neves - 1EMCB

Algo havia mudado, mas o que era? Ele se perguntou. Com ou sem aquele capacete, ele podia sentir que a temperatura estava mais fresca, sentia que o sol não castigava a sua pele, e a quadra da escola só estava um pouquinho mais abafada por conta do aglomerado de pessoas, é claro — assim pensou — mas ainda se indagava.

Olhou em volta e sentiu o coração começar a acelerar. Ele estava um pouco preocupado, mas logo se opôs. Claramente era ele pensando demais, justificando-se para não continuar sua apresentação, assim acreditava. Ao olhar ao seu redor, percebeu ter ganhado uma atenção estranha, a mesma que você atrai quando sua mãe o repreende em público.

As pessoas estavam todas curiosas — convidados, alunos, professores. Cada um o encarava, dando aquele olhar de quem quer entender uma piada que ninguém entende de primeira. Até que percebesse esse fato, toda a escola estava olhando para ele, estranhando sempre a roupa e a aparência. Era sempre como se ele não pertencesse àquela realidade, não pertencesse àquele tempo.

Ele não entendia o motivo de tanta atenção. Sentia que havia esquecido tudo o que iria dizer, então, envergonhado, saiu da quadra. Não havia motivo para estar ali. Cambaleou. Sentia cada passo bastante pesado, respirava de maneira rígida, sentia como se o capacete o estivesse matando. Então decidiu tirá-lo.

Ergueu a cabeça, respirava com bastante alívio — o mesmo alívio de respirar ao tirar a cabeça da escuridão da água. Abriu os olhos e se assustou. Sentiu seu coração acelerar a cada instante que olhava. Sentia sua respiração aumentar e ficar desregulada. Onde estavam os prédios? Onde estava a biblioteca da escola?

Ele olhou ao seu redor, abriu a boca, impressionado pela pequena estrutura. Piscou os olhos, desacreditado. Não havia prédios da escola, nem aquelas pontes surreais e, principalmente, a magnífica biblioteca, cuja estrutura era a que mais chamava atenção. Nem parecia a FMM. Havia várias pequenas estruturas — talvez nelas houvesse salas de aula. O mais fascinante era que, mesmo com uma estrutura pequena, a escola ainda possuía alunos brilhantes, ainda tinha recursos o suficiente para dar o lazer de estudar.

Ele apenas andava, segurando o capacete, olhando tudo ao seu redor, maravilhado, como se estivesse entrando na FMM pela primeira vez. Entrando e sabendo que estava em uma nova realidade, que respeitava o verdadeiro sentido de estudar. Algo bom demais para ser verdade. Ele então sorriu, satisfeito com tudo aquilo. Até que uma funcionária o barrou — uma inspetora, assim pensou.

— Oi, com licença, querido? — ela dizia naquele tom doce e caloroso, como o mesmo tom de uma idosa perguntando alguma coisa. — Você poderia me dizer seu nome?

Ele ficou confuso. Por que ela falava assim com ele? E por que perguntava como se ele fosse um visitante?

— Pera... Mas eu estudo aqui. Bem... Meu nome é Malon — então pensou abertamente: será que aquilo era realmente possível? — Olha... Eu sei que a pergunta é bas-

tante... bizarra, né? Mas... Em que ano estamos e... qual é o nome da escola mesmo?

— Bem... o ano é 2011, e essa é a Fundação Nokia. Por quê?

Ela estava bem confusa, mas olhou o uniforme, e ali havia escrito "FUNDAÇÃO MATIAS MACHLINE". Ela até arregalou os olhos quando leu. Então, ela perguntou com certo medo e nervosismo:

— Então, Paulo, você está acompanhado de seus pais? Outra coisa, você estuda onde? — disse.

Malon ficou realmente muito, mas muito espantado, e até assustado com tamanha revelação. Mas isso foi trocado por um aborrecimento: até ali erravam o nome dele — isso já aconteceu tantas vezes que é até engraçado.

— Olha, pra começar, o certo é... — Quando ia falar com impaciência, antes de terminar de falar... viu uma sinistra figura distante. Totalmente escura, parecia ser completamente negra. A única diferença era que usava um relógio e vestia um terno da mesma cor que o dele. Parecia encará-lo, como se estivesse esperando há muito tempo. A figura apenas sinalizou com o gesto de "que horas são". Malon jurou escutar o "tuc tuc" quando o estranho tocou no relógio com o dedo indicador.

Quem era ele? Ele se questionava. Se aquilo era real, será que mais alguém o via além dele?

De repente, sentiu uma forte dor no peito! Uma dor jamais sentida. Ele começou a tossir, enquanto cravava os dedos no peito. Não era uma tosse normal — ele não parava de tossir, não conseguia respirar. Sentia seu próprio corpo

traí-lo e começar a matá-lo. Era como se alguém estivesse punindo sua existência. Talvez o Universo?

Ele se ajoelhou e se encolheu. A inspetora, desesperada e surpresa, começou a pedir por ajuda enquanto o segurava desesperadamente!

Então algo sinistro aconteceu. Ele vomitou — vomitou sem parar. Aquele som grotesco de engasgo, pois queria respirar. Aquela sensação era angustiante demais! Ele expelia o que o universo queria que ele expelisse. Com lágrimas, rosto e olhos vermelhos, viu algo que o assombraria todos os dias: seu próprio sangue estava no chão. Sentia aquele gosto de ferro em excesso na boca.

Então, seus olhos escureceram...

Quando os abriu, acordou respirando fortemente, sentindo aquele alívio do ar entrando em seu peito. Por um momento, acreditou que havia morrido, mas agora sentia seu organismo funcionando normalmente — aquele bem-estar dizendo: tudo está bem. Então ele sorriu de alívio, acreditando que era um sonho... ou um pesadelo. Pensou ter acordado em seu quarto, é claro, e que tudo iria voltar ao normal.

Ele olhou em volta e seu sorriso desapareceu. Parecia estar na enfermaria da escola... Arriscou-se a olhar o inevitável. Ainda tinha esperança de que aquilo não fosse real, mas a curiosidade venceu... Então olhou para si mesmo. Sua respiração acelerou, seus olhos arregalaram! Sua camisa estava melada de sangue! E ele deu um grito de horror.

A enfermeira da escola rapidamente chegou, viu o estado em que aquele pobre garoto se encontrava, foi até ele

e o confortou, acalmando-o, sentindo uma forte empatia. E ela perguntou a ele:

— Calma, calma, vai ficar tudo bem... Você quer um copo d'água?

— Sim, sim... por favor — ele realmente estava em choque, desolado por isso estar acontecendo de verdade.

Ela saiu para buscar um copo d'água. Malon olhou para o meio de suas pernas e viu seu capacete. Parecia ter aparecido do nada. Nada mais o abalava. Ele vestiu o capacete. O capacete fez um som de ligação automática. Era possível escutar estalos quando ele se conectava ao rosto do usuário.

Malon queria se lembrar do primeiro dia de aula, uma lembrança até então feliz. Ele queria se animar um pouco. Afinal, a função daquele capacete era somente para exibir lembranças como um vídeo em tempo real.

Mas isso não aconteceu. Apenas apareceu a mesma visão da enfermaria. A enfermeira, ao voltar, viu um forte brilho saindo da sala, que a cegou. Quando aquilo acabou, ela abriu um pouco os olhos, arregalou-os e deixou o copo cair: o paciente havia desaparecido.

Malon sentia aquelas mesmas sensações de que algo havia mudado. A atmosfera estava mais fria. Sentiu um certo arrepio. Ele se levantou e foi até a recepção da enfermaria. Viu que era a mesma da FMM. Olhou para o lado e viu aquela mesma frase do lado de fora da entrada do Bloco B: "Não é o professor que ensina, é o aluno que aprende".

Então ficou confuso. Ele não estava na Fundação Nokia? Então apenas justificou: finalmente acordou de um sonho. Notou que a recepção estava estranhamente vazia.

Estava tudo quieto, até demais. Ele novamente franziu o cenho. Tdo estava ficando estranho de novo...

Saiu do Bloco B. Olhou para a direita e nada havia mudado. Olhou para a esquerda para se certificar de que estava tudo normal — e estava. Só não percebeu as novas, sutis estruturas no chão. Caminhou até chegar a uma parte do pátio que ficava debaixo da ponte, ao lado do Bloco A e perto do refeitório, e olhou em direção à biblioteca...

Malon arregalou fortemente os olhos, desacreditado novamente: os dois prédios estavam mais altos, havia novas pontes, e uma grande estrutura circular de vidro em cima da biblioteca.

Malon aceitou essa verdade. Ele viajou para o passado e para o futuro em questão de minutos!

Continua...

O reflexo do monstro

Sabrina Lopes Hilário - 1EMBD

Era uma vez, em um reino distante, uma princesa chamada Daiana. Desde pequena, ela cresceu cercada por mistérios e sombras que dançavam nas paredes de seu castelo. Os sussurros do vento pareciam contar histórias de um ser que habitava seu lar — um monstro que se escondia nas sombras.

Daiana sempre sentiu a presença desse ser. Às vezes, ouvia passos pesados ecoando pelos corredores à noite, e outras vezes, via sombras se movendo rapidamente pelo canto do olho. Mas o que mais a intrigava eram os momentos em que o monstro se aproximava dela. Ele tinha um jeito peculiar de se manifestar: com um olhar intenso que parecia atravessar sua alma.

"Ele não é como os outros," pensava Daiana . "Há algo de familiar em seu olhar." Mas o medo a impedia de desvendar o mistério. Em suas noites solitárias, ela se perguntava: "Quem é esse ser que ocupa meu mundo? O que ele deseja de mim?".

Os dias passavam e as dúvidas cresciam. Daiana começou a notar que, em momentos de raiva ou frustração, o monstro ficava mais próximo. Era como se ele se alimentasse das emoções intensas que brotavam dentro dela. "O que ele vê em mim?", questionava-se.

Os dias passavam e as dúvidas cresciam. Daiana começou a notar que, em momentos de raiva ou frustração, o monstro ficava mais próximo. Era como se ele se alimen-

tasse das emoções intensas que brotavam dentro dela. "O que ele vê em mim?" questionava-se.

Um dia, enquanto explorava os corredores do castelo, Daiana encontrou uma porta trancada. Seu coração acelerou ao pensar no que poderia estar do outro lado. Ela sentiu uma atração irresistível por essa porta, como se o monstro estivesse chamando-a.

Quando finalmente conseguiu abri-la, foi recebida por um quarto escuro e desordenado. No centro, estava um espelho coberto por um manto de poeira. Ao limpá-lo, seus olhos se encontraram com um reflexo distorcido de si mesma, mas com traços sombrios.

"Quem sou eu?", murmurou Daiana, enquanto a verdade começava a emergir das profundezas de sua mente. O monstro não era apenas uma figura externa, ele estava profundamente enraizado dentro dela.

As noites seguintes foram marcadas por sonhos perturbadores e confrontos internos. O monstro ia revelando segredos ocultos e sombras do passado, lembranças distorcidas que a levaram a compreender uma verdade: "Ele não é só uma criatura das trevas; ele é parte de mim".

Finalmente, em uma noite tempestuosa, Daiana teve coragem suficiente para encarar o monstro cara a cara. "Quem és tu?" desafiou ela, gritando para a escuridão.

E então veio a revelação: "Sou aquele que te criou nas sombras da dor," disse o monstro com uma voz profunda e ressoante.

Daiana percebeu com horror que o monstro era seu pai, aquele que sempre esteve presente na forma de amor e

medo. A compreensão a envolveu como um manto pesado: "O amor pode ser um fardo tão grande quanto a raiva".

Com essa nova percepção, Daiana decidiu não mais fugir das sombras; ao contrário, ela escolheria enfrentá-las. Afinal, em cada monstro pode haver uma lição sobre amor e aceitação.

E assim, no reino da luz e das trevas, a princesa Daiana começou sua jornada de cura — não apenas para si mesma, mas também para aquele que era tanto seu pai quanto seu maior desafio.

Entre sonhos e castelos

Suya Cardoso - 1EMBB

Katara, mais uma vez, se via naquele lugar. Não parecia real, mas também não era um simples sonho.

Depois de tantas noites, aquela imagem, que antes era coberta pela névoa, começava a tomar forma e tornar-se intrigante. A voz, a melodia que parecia vir de dentro do castelo, a deixava com medo. Traziam-lhe a sensação de ter perdido algo.

Ela tentava resistir, dizia a si mesma que estava enlouquecendo e que era apenas um sonho, mas toda vez que fechava os olhos, a melodia parecia mais próxima. Aquele borrão agora mostrava contornos de torres quebradas e janelas acesas por uma luz que era muito brilhante.

Katara sabia que aquele lugar lhe chamava, ela sentia que precisava entrar, necessitava descobrir o que tinha por trás daquele castelo, o que aquele portão escondia e de onde vinha a melodia que tanto lhe assombrava.

A inquietação só crescia e a dúvida se tornou sua companheira, seguindo-lhe como uma sombra.

A menina começou a se perder em seus próprios questionamentos, já não sabia identificar o que era realidade e o que era fruto das noites mal dormidas. Aquele lugar misterioso havia se tornado uma presença constante — silenciosa e angustiante. A imagem do castelo começou a fazer parte da vida dela nos pequenos detalhes e aquela voz que lhe perseguia se tornava cada vez mais forte. Era como se o sonho tivesse atravessado o sono e começado a morar dentro dela.

Naquela noite, algo a fez ceder, mas não foram as dúvidas: ela começou a se sentir incompleta, como se estivesse perdendo a si mesma. O medo ainda estava lá, mas ele era menor que o vazio que existia dentro dela.

Quando fechou os olhos, o castelo parecia mais iluminado, como se soubesse que ela não fugiria mais. Katara sentia o coração martelar no peito, mas não havia mais volta, e em um único suspiro, os portões se abriram.

Ela entrou e podia sentir que alguém a observava. Sabia que não estava sozinha… e que já não podia voltar atrás.

A escuridão do castelo parecia respirar, as sombras sussurravam entre si, conversando e dizendo que seus segredos não ficariam mais confinados.

Antes de vê-la, Katara ouviu.

Um rosnado baixinho que vinha acompanhado de sons de correntes, um eco de dor. Depois, sentiu uma respiração tão forte que fez seus pelos arrepiarem.

Katara parou e viu aqueles olhos, olhos que suplicavam por ajuda e que carregavam uma culpa que não lhes pertencia.

Aquele olhar brilhava, mas era opaco. Transmitia algo que ela não sabia ainda o que era.

A criatura não se moveu, mas o ar ao redor pareceu pulsar com uma estranha ligação, como se reconhecesse algo familiar em Katara.

Os olhos misteriosos encontraram os da menina, e por um instante, o medo se desfez.

Havia dor ali, mas também algo mais, escondido no fundo daquele olhar: esperança.

Katara deu um passo e os sons que antes eram quase imperceptíveis agora se tornaram angustiantes.

A menina não sentiu nada, era como se estivesse olhando para seu próprio reflexo. Por um instante, ficaram apenas se encarando — pareciam se comunicar sem palavras. Katara reconheceu o coração de fera, era igual ao dela — mas com feridas cicatrizadas e outras que ainda estavam frescas.

Os calafrios tomaram conta do corpo da menina. Ela não sabia o que estava sentindo — medo, tristeza, culpa, angústia, arrependimento, ou tudo junto? De qualquer forma, algo dentro dela tinha despertado.

Foi quando o silêncio se instaurou e a criatura, com a voz baixa e o olhar fixo na menina, falou:

— Você é o motivo da minha maldição.

Katara se espantou como se a cortina de seu teatro tivesse caído. Ela não sabia o que significava aquilo, mas queria fugir. Seu coração gritava como se as feridas que estavam na fera tivessem se tornado dela.

A menina tentou recuar, tentou correr, mas algo dentro dela não deixava — era como se seus pés estivessem acorrentados ao chão.

Não por força, mas pela verdade.

A verdade que ela sabia, mas se recusava a encarar.

Ela era a maldição.

Katara sentiu o medo invadir seus pensamentos. Sua mente gritava por liberdade, mas seu corpo implorava por permanência.

A fera, que antes apenas observava a menina, disse:

- Sem medo, minha menina. O que você tanto teme nasce no coração.

As palavras da criatura foram como flechas que rasgaram a pele e queimaram as entranhas. Katara sabia que não podia fugir de algo que crescia com ela, quis negar, mas não teve forças.

Seu corpo cansou de resistir e quando seus pés finalmente se soltaram do chão ela começou a correr. Ela não suportava que aquele castelo guardava seu início, meio e fim.

Correu como se pudesse fugir de si mesma, e quando estava prestes a sair escutou algo como um sussurro que dizia:

— Sempre lhe acompanharei, Katara.

Ela não olhou para trás, apenas correu.

Não confie em estranhos

Vinicius Sousa Negreiros - 1EMBB

Para Clara, viver no campo sempre foi um sonho desde pequena: a paisagem calma e isolada com vários pinheiros grandes e belos junto ao clima tão arejado com um frio aconchegante. Mesmo a cidade sendo um pouco distante, não importava muito pois ela estaria no lugar em que ela poderia chamar de casa com orgulho.

Alguns anos atrás, ela encontrou seu predestinado, Nicolas, um jovem rapaz, trabalhador, gentil, com belos olhos e um sorriso aconchegante. Em seu primeiro encontro, ambos já sabiam que eram feitos um para o outro e, após um ano de namoro, já decidiram se casar e arrumaram um pequeno terreno no campo como Clara sempre quis. Não importavam as dificuldades, seja dinheiro, trabalho, doenças ou quaisquer outros males, eles sempre se apoiaram.

Logo após se mudarem, já começaram a se habituar à nova vida, ou assim ela pensava. Claro que era difícil se adaptarem a um ambiente novo e, às vezes, se assustavam com os uivos repentinos dos animais que viviam dentro da floresta, com a mudança espontânea de clima que trazia consigo os fortes temores da temporada de chuva, além do medo de sair à noite, no escuro breu que a floresta projetava, mas Clara já havia feito sua escolha e queria ficar ali, aquilo era o que ela havia sonhado há tanto tempo.

"Como poderia deixar aquele lugar para trás só por que não foi perfeito como imaginava de início?", isso que ela pensava. Já Nicolas? Ele só estava lá por causa de sua

mulher. Se as coisas melhorarem, isso seria pelo menos um alívio para ele, mas na situação atual, não entendia por que Clara adorava tanto o campo. Para ele, a floresta deixava-os isolados e o frio era um pouco desagradável, os ventos queriam levá-lo para longe dali e não ajudava o fato de que a cidade era longe, mas por Clara, ele estava disposto a tentar.

Como em qualquer outra noite, o clima havia fechado inesperadamente. A ventania balançou as árvores de forma violenta, e logo após veio a chuva, forte e impiedosa, atormentando o pobre casal que tentava dormir. A cada momento que passavam lá, sentiam o tempo piorar: a natureza parecia infeliz, os ventos eram um tufão violento que derrubava árvores e postes com facilidade, numa tempestade implacável que relampejava com fúria. Como esperado nessas condições, lá se foi a luz.

Nicolas se levantou para inspecionar, pois eles tinham um pequeno gerador a diesel na garagem. Enquanto isso, Clara estava no quarto à espera do marido, e esperou, e esperou, mas ele demorava muito, a preocupação já tomava conta de sua mente "o'que será que houve?", a luz não voltou e já se passaram alguns minutos sem nada acontecer só estava ela sozinha no seu quarto escuro encarando a fresta da porta esperando seu amado.

Depois de uns vinte minutos Clara viu sua silhueta pela fresta da porta ela foi até ele aliviada que Nicolas voltou mas ao se aproximar a porta ela notou algo diferente na figura de seu marido, seus belos olhos azuis estavam levemente destacados na escuridão, Clara vendo isso fecha a porta com um mal pressentimento misturado ao medo, sua

mente estava a mil vendo isso resultando um único pensamento "Os olhos do meu marido são verdes....esse não é meu marido.", ela silenciosamente entrou no armário para se esconder enquanto ouvia a voz distorcida de Nicolas a chamando:

— "Amor abre a porta, abre a porta por favor"— em uma repetição arrepiante que causava pavor seguida por um som de Batidas violentas

Clara lentamente olha para fora do armário vendo a figura distorcida do que deveria ser Nicolas batendo na porta para ela abrir, cada batida tremia mais ainda a porta que em pouco tempo não estaria mais ali, "*POW!*....*POW!*...*POW!*" A porta arrebenta abrindo de forma brusca, Clara já começou a entrar em pânico encolhida no armário segurando sua boca para não gritar de medo vendo pela fresta do armário a figura que parecia Nicolas começar a mudar, ela observava o sorriso mórbido daquela coisa, a postura alta, grotesca e animalística com braços alongados e mãos com dedos tão finos que pareciam palitos, unhas grandes feitas para rasgar, o tórax magro que acentua o esqueleto sendo possível ver cada costela. Aquilo com certeza não era algum animal e com maior certeza ainda, aquilo não era humano.

A atmosfera é pesada, o som da chuva pesada está bem presente e não ajuda a acalmar, a criatura lentamente se aproxima da cama ficando observante para ver se Clara estava lá, com suas unhas começa a dilacerar as cobertas e travesseiros para encontrar ela enquanto Clara observa dentro do armário com lágrimas de medo começando a cair de seus olhos enquanto implora que tudo isso seja ape-

nas um sonho. A criatura fica parada encarando a cama totalmente destruída só então para se virar para o armário e lentamente se aproximar com cada passo pesado sendo abafado pela forte chuva que judiava do mental de Clara mais ainda, denovo aquela coisa fala imitando a voz de Nicolas em um tom rouco:

— ”Amor tá tudo bem, eu to aqui, pode sair de onde estiver”— A criatura repete enquanto procura Clara.

Clara observa tudo pela fresta consumida pelo medo e pânico que a sufocam sem usar as mãos, o desespero de não saber o’que fazer presa naquele lugar isolado com aquela coisa, essa nova vida era pra ser seu sonho mas nestas condições está parecendo o seu pior pesadelo seus olhos tomados por lágrimas observam com alívio a criatura lentamente sair da porta chamando por ela, Clara não desperdiça essa oportunidade e sai do armário indo para a janela para sair daquele lugar, ela usa toda sua força de vontade para pular a janela e sair correndo pela floresta enquanto a chuva forte e pesada e os ventos fortes passam pelo seu corpo, Clara se vira para trás vendo apenas A sua casa na distância com algo saindo pela janela em forma quadrúpede imitando uma aranha se prendendo a parede para descer e correr em sua direção, Clara não hesitava e corre sem olhar para trás o máximo que pode não importando o quanto seu corpo implorava para parar não importa se estava cansada ela não podia parar de correr,”Será que aquilo ainda está atrás de mim?!” era o único pensamento que tinha enquanto corria às cegas por essa floresta, com sorte poderia achar uma estrada mais a frente e então continuou buscando sua única esperança correndo sem rumo por esses campos e

em quanto corre sem direção qualquer Clara tropeça em um morro e cai batendo sua cabeça vendo apenas uma silhueta na distância e enquanto perde sua consciência ela só implora para aquele pesadelo acabar e por fim poder acordar de volta na sua vida normal com seu amado.

A luz do sol bate no seu rosto machucado acordando-na, ela se levanta com suas pernas doídas, a chuva forte havia passado, os ventos não queriam mais levar tudo que passava, os animais não faziam um barulho sequer e a sua frente só havia uma trilha que a levava ela a uma estrada de barro onde passava um caminhão que ao vê-la parou e de dentro um motorista a chamou com preocupação:

— ”Senhora você está bem?! Você está acabada, entra aqui rápido! Vamos para um hospital!”— falou o motorista levando ela para dentro e dirigindo pela estrada

Ela entrou, bem feliz, poderia começar a nova vida de novo já que o antigo Nicolas estava na garagem da antiga casa espalhado pelo chão e a antiga Clara estava junta a natureza para sempre enterrada naquela floresta, agora só lhe resta arrumar uma forma de lidar com o antigo motorista que estava ao lado dela dirigindo nesta isolada floresta.

Amor não se implora, mas eu implorei

Yuri Melo - 1EMBC

A chuva caía fina sobre a pequena cidade naquela tarde cinzenta. As gotas, preguiçosas, deslizavam pela janela embaçada da sala de aula, traçando caminhos irregulares, como se carregassem os pensamentos partidos de Demon. O garoto mantinha o queixo apoiado na mão, o olhar escuro e vazio perdido além do vidro, como se tentasse ler respostas no céu pesado.

Era o primeiro dia dele ali. Tarde demais para se importar, cedo demais para fugir. Rostos desconhecidos trocavam cochichos e risos abafados. Ele se encolhia na última fileira, o capuz do moletom ocultando parte do rosto — não para esconder-se, mas para não ser achado.

O ranger discreto da porta fez o ambiente se silenciar por um instante.

E foi quando ela entrou.

Emilly. Morena, cabelo liso deslizando pelos ombros como um rio calmo. Os olhos, grandes e escuros, carregavam uma chama discreta, mas viva, que destoava daquele cenário cinza. O sorriso dela era fácil, espontâneo, como se o mundo ainda merecesse leveza. Demon prendeu a respiração sem perceber.

Ela caminhou entre as fileiras e se sentou duas carteiras à frente. O som da professora falando sobre horários e turmas se tornou ruído distante. Só sobraram a chuva e ela.

De súbito, Emilly virou-se. Os olhos dela encontraram os de Demon e, por um instante, o tempo pareceu hesitar.

— Você é novo, né? — perguntou, com a voz baixa, suave, quase como quem compartilha um segredo.

Demon demorou um segundo a responder. Sua garganta parecia seca.

— Demon — soltou, curto, mas não hostil.

Ela inclinou o rosto, o sorriso ainda no canto da boca.

— Emilly — disse, como se aquilo pudesse significar mais do que um nome.

A conversa foi pouca, mas a troca de olhares, o jeito como os ombros dela relaxaram perto dele, aquilo ficou. E nos dias seguintes, as palavras curtas viraram frases. Riram de professores, comentaram bobagens. O mundo ao redor diminuía quando os dois dividiam o mesmo espaço.

A tensão entre eles não era gritante. Era sutil. No jeito que ela tocava o ombro dele ao rir. No modo como Demon desviava o olhar, mas sorria quando ela não via.

Até a tarde no pátio.

O céu baixo, o cheiro de terra molhada. Demon se escondia de si mesmo sob uma árvore torta. Os pingos caíam ritmados no capuz.

— Posso sentar? — perguntou Emilly, com aquele tom que não aceita "não".

Ele deu de ombros. Ela se sentou. O silêncio era espesso.

— Gosta de chuva? — ela quebrou o peso, a voz leve.

Demon respirou fundo, como se aquelas palavras tivessem cheiro.

— Me lembra… que tudo desaba, no fim.

Ela encarou o chão por um segundo, depois virou-se para ele. Os olhos brilhavam, misto de ternura e algo indomável.

— Nem tudo que cai se perde — disse. — Às vezes, é só pra gente aprender a levantar.

O peito dele ardeu.

E foi assim. A tensão que antes era discreta começou a gritar em gestos. Nos toques demorados, nos olhares que fugiam e voltavam. Naquela ânsia de estar perto, mesmo calados.

O tempo passou, e eles se tornaram mais do que amigos. Tornaram-se o reflexo um do outro — os olhares se entrelaçavam de forma silenciosa, como se fossem uma extensão de si mesmos. Emilly começou a notar a forma como seu coração batia mais rápido quando ele sorria, o arrepio na pele quando ele se aproximava mais do que o habitual. Demon, por sua vez, se via sucumbindo à presença dela. A leveza que ele tanto evitava parecia, sem querer, se infiltrar em seus ossos.

Mas, junto com o carinho, veio o medo. Medo do que ele não podia controlar.

Emilly estava sempre perto. Sempre sorrindo, sempre tocando o braço dele de maneira casual, mas cheia de um significado que ele preferia ignorar. As conversas já não eram mais só sobre o que tinham feito no dia, mas sobre o que sentiam. Sobre os próprios medos e inseguranças. Ela não escondia o brilho nos olhos quando falava dele para as amigas, e isso apertava o peito dele de uma maneira que ele não conseguia compreender. A cada palavra, ele se perdia mais e mais.

Foi quando ela começou a esperar por ele na saída. Esperava com aquele sorriso tranquilo, como se nada no mundo fosse capaz de afastá-la de Demon. Ele, por outro lado, sabia que o afastamento era só questão de tempo.

Emilly era tudo o que ele temia. O amor que ele nunca aprendeu a sentir, a doçura que ele jamais tinha experimentado. No fundo, sabia que isso não duraria.

As mensagens começaram a ser mais constantes, como uma maré que crescia dentro dele, levando-o sem que ele pudesse se proteger. Ela mandava mensagens de madrugada.

"Tá acordado?".

"Tô. Pensando".

"Sobre o quê?".

"Nada importante".

"Você é importante".

E essas palavras eram como uma lâmina cortando o que restava de suas defesas. Ele sentia o peito apertar a cada vez que lia aquelas palavras. Ela não sabia. Ele nunca disse a ela, mas o medo de amar estava lá. Pulsante. A cada resposta, ele se afundava mais.

Até o dia em que ele a chamou para o fundo da sala, a voz rouca e a mente tumultuada. O som da chuva batendo no telhado era a única coisa que preenchia o vazio entre eles.

— Preciso te contar uma coisa — disse ele, sem coragem de olhar para ela.

Emilly o olhou com aqueles olhos que sempre pareciam entender mais do que ele queria contar. Mas ela não

disse nada, só aguardou. A expectativa dela era quase palpável.

Demon deu um passo mais perto, a respiração pesada. Ela tinha aquele cheiro familiar de lavanda misturado com a chuva. Quase tocou o rosto dela, mas hesitou.

— Posso… — a palavra morreu em sua garganta.

Antes que ele pudesse terminar, ela o beijou. Não era um beijo apressado. Não era uma explosão de desejo. Era um toque suave, quase como se o mundo, naquele momento, tivesse sido deixado para trás.

Foi como se a dor que ele sentia em seu peito, todos aqueles anos de medo e vazio, se desfizesse. Só existia ela, a suavidade do toque, o calor que se espalhava entre eles. Demon sentiu algo que não sabia como descrever. Algo tão grande, tão avassalador, que ele quase perdeu o controle.

Eles passaram a noite inteira trocando mensagens.

"Foi… incrível".

"O melhor da minha vida".

"A única coisa real que eu já senti".

A relação deles, agora mais do que amizade, passou a ser um campo minado. O toque de um, o sorriso do outro, tudo estava carregado de algo mais. Mas, em um mundo cheio de promessas quebradas, Demon sabia que o amor deles não seria diferente. Algo dentro dele se encolhia sempre que ele pensava nisso.

E então, o destino os separou.

Demon viajou, e Emilly, sem ele, desabou. As mensagens eram desesperadas, as palavras cortadas entre soluços.

— Eu não vou aguentar… eu te amo tanto.

Ele jurou que voltaria, que estaria ali para ela. Mas a distância, com seu peso silencioso, fez as coisas começarem a desmoronar. As brigas vieram. Cada vez mais intensas. Cada palavra trocada tinha o peso de uma condenação.

Quando ele voltou, esperava encontrá-la de braços abertos, esperando com aquele sorriso tranquilo. Mas Emilly estava distante. Fria. Ela disse que precisava se acostumar de novo. E aquela frase, aquelas palavras, pareceram cortar algo dentro dele.

As discussões eram frequentes. Ele tentava reconquistá-la, trazendo livros que ela amava, escrevendo cartas cheias de palavras bonitas. Mas ela parecia distante. Seus olhos já não brilhavam como antes. E a dor crescia dentro dele.

Assim continuaram. Um ciclo vicioso de amor, insegurança, ciúmes e palavras não ditas.

Até o dia que ela mandou a mensagem.

"Nunca te amei. Nunca senti nada. Tudo foi mentira".

Demon sentiu o chão desaparecer. Ele não sabia mais como reagir. Chorou sozinho, quebrando tudo ao redor, como se tentasse destruir o vazio que a mensagem havia deixado.

Como sempre, ela voltava. Pedia desculpas, dizendo que fora um erro. Ele, sem mais forças para resistir, aceitou. O que mais poderia fazer?

Mas tudo estava quebrado. Emilly estava ferida, ele também. As brigas aumentaram, as palavras se tornaram veneno. Até que ele descobriu a traição.

O mundo, finalmente, desabou.

Demon chorou até a dor desaparecer. Quebrou as coisas no quarto, questionando aos céus o que fizera de errado. Mas ele sabia, lá no fundo, que o amor dele nunca foi suficiente para salvar o que estava perdido.

Meses depois, o tempo fez o que o coração não conseguiu. Demon começou a rir novamente. Saiu com outras garotas, mas nada fazia sentido.

Até o dia que a viu passar.

Ela, pálida, com os olhos vazios. Como se tivesse perdido algo que jamais conseguiria encontrar novamente.

Demon sorriu. Não era um sorriso de raiva. Não era um sorriso de ódio. Era um sorriso cansado, mas livre.

E seguiu seu caminho.

Deixando a chuva lavar as cicatrizes.

Este livro foi produzido e impresso em outubro de 2025.
Capa e miodo elaorados pela Fundação Matias Machline.

FUNDAÇÃO
MATIAS
MACHLINE

JOVEM
ESCRITOR